

## 4 “Inauguro linhagens, fundo reinos”: Conhecendo as mulheres de perto

“Mulher é desdobrável.”  
(Adélia Prado)

### 4.1 A questão metodológica: é interessante ter a clareza dos limites da escritura

“Uma voz nada determina, nada resolve.  
Duas vozes são o mínimo de vida.”  
(Bakhtin)

Entendendo que os contextos social e cultural definem diferentes hábitos e costumes, a questão que se coloca é como olhar para a vida cotidiana e como retratá-la. O olhar olha para quê? Como se registra o que olha? O objetivo é, seguindo os passos de Baudelaire, cronista da pobreza e da banalidade cotidiana, trazer à tona verdades da condição humana que são difíceis de enxergar. O corpo, o modo como se veste, o modo como se comporta, caracterizam o lugar social que se ocupa. Como traduzir a imagem dessas mulheres pesquisadas pela narrativa? De que forma poderei fazer o relato desse material? Que interpretações e que sentidos estão embutidos na imagem construída por mim? Rompendo definitivamente com a neutralidade do pesquisador, é fundamental dar visibilidade ao lugar social que aquele objeto de pesquisa ocupa. Essas são as práticas discursivas voltadas para o cotidiano. O que se deve apreender é quais são as leis que regem a maneira de ser de determinados grupos sociais. Existem leis próprias que servem para agrupar. O interessante é perceber o que é da natureza desse grupo social. Qual a mensagem que certa imagem colhida na pesquisa de campo traz? O que deflagra essa imagem? Qual o significado dela?

*(...) dar voz e vez a muitos atores que não conseguem fazer ouvir seu clamor, manifestar seu pensamento, expressar sua opinião. São investigados aqui alguns aspectos mais específicos e práticos de materialização dessa relação, mostrando as consequências sociais e éticas que isso pode acarretar, obscurecendo facetas que constroem e legitimam situações questionáveis de nossa vida social. (Guareschi, 2004, p. 141).*

Sarti (2004) afirma que o contexto do pesquisador explica a sua interpretação, as referências epistemológicas com as quais constrói sua análise, mas não necessariamente a

do pesquisado, quando forem distintas as referências de sentido de uma e da outra. Dessa forma, de que maneira podemos pensar o objeto de nossa pesquisa?

*As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há a coisa muda. Qualquer objeto de conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (Bakhtin, 2003, p. 403).*

De acordo com Bakhtin, a produção é sempre historicamente situada e se dá na relação com o outro. Por isso, é sempre política. No entanto, a questão da singularidade está presente o tempo todo na obra do autor, ele não dilui o sujeito no social. Privilegia a singularidade que perpassa qualquer ato humano. O sujeito não se perde nas classes estigmatizantes, nem tem uma singularidade absoluta.

Utilizando o conceito de dialogismo, de Bakhtin, podemos entender que a consciência sobre o sujeito se dá a partir da relação com o outro. O sujeito está sempre respondendo a uma demanda. O diálogo supõe o outro. Existe um compromisso entre o eu e o outro, e do outro, comigo. Nas pesquisas na área de ciências humanas, vamos mergulhar no texto do outro e construir um texto a partir do texto do outro.

*Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimente). Etapas da progressão dialógica da compreensão (...) O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo. Salientamos que se trata do contato dialógico entre os textos (entre os enunciados) (...) (Bakhtin, 2003, p. 404).*

O autor desenvolve em sua obra os conceitos de gênero primário (linguagem na vida cotidiana; discurso vivo do homem na vida), e gênero secundário (mais sistematizado; elaboração do discurso da vida). É importante não entendê-los como hierarquizados. Ocorre uma interdependência entre os dois discursos. Ambos são movimentos da criação humana. O homem se cria na vida. O desafio é criar os critérios que vão se apropriar do discurso em movimento.

Outros dois conceitos desenvolvidos pelo autor são: enunciado (unidade sócio-verbal) em contraposição à sentença (unidade da língua). Bakhtin critica o foco do olhar sobre a sentença em detrimento do enunciado. Cria uma metodologia para estudar o enunciado (uso da língua). Ele entende o movimento do diálogo como a construção do sentido que é dado pelo entrevistador e o sujeito entrevistado. É uma produção mútua. O significado é dado no contexto. Na análise bakhtiniana, o discurso é produzido entre

pares. Não existe neutralidade. O entrevistador tem que estar dentro da cena. O autor cria estratégias para dar conta da implicação do pesquisador. Ele questiona a pretensão da verdade absoluta.

Pode-se dizer que Bakhtin é um teórico da cultura. Ele vê a questão da linguagem como intermediação entre o fazer e o agir humanos. Como esse homem se produz na cultura e é produto dessa cultura?

Numa entrevista não é só o sujeito que fala. Essa fala se dá na interação entre sujeito e entrevistador. O enunciado só pode ser visto dentro do acontecimento. Que tipo de escuta o pesquisador tem dos “seus sujeitos”? O discurso aparece a partir dos lugares sociais. Como dar sentido ao que o outro quer dizer? O discurso pede compreensão. Qual o sentido do que está sendo produzido? Bakhtin fala que só há compreensão quando há reciprocidade. Existe sempre uma intencionalidade no discurso. Bakhtin explora a linguagem como comunicação. Ele vê o receptor como ativo, há uma negociação entre falante e receptor. Falante e ouvinte produzem sentidos com relação ao que está sendo falado. Para Bakhtin, na entrevista, o entrevistador se situa como sujeito na produção do conhecimento. O sujeito fala a partir de um sistema e de outros discursos que o antecedem. Privilegia não só o que dizem, mas a produção de sentidos que acontece nas conversas.

*(...) o papel do pesquisador ultrapassa os limites dos procedimentos de entrevista, criando um compromisso com o entrevistado (...) emerge uma concepção de subjetividade comum nos contatos com a pobreza: a subjetividade do ‘não-dito’, que é ‘dita’ por quem pesquisa. (Lopes, 2002, p.163).*

O sujeito responde à demanda do olhar do outro, dialoga com o outro o tempo todo. De que lugar social, cultural e histórico o sujeito está falando? Na relação com o outro, o sujeito está sempre se modificando. Isso ocorre com o pesquisador durante o trabalho de campo. Dessa forma, Bakhtin considera três momentos diferentes de produção de conhecimento nas ciências humanas: a leitura teórica; o texto produzido no campo, com o seu objeto; quando o pesquisador se retira de cena e vai refletir acerca daquele campo.

Sobre a produção de sentido nas entrevistas, afirma que o tema da entrevista passa a ser o objeto de análise, e o modo como esse tema vai sendo construído entre o entrevistador e seu interlocutor.

Como a teoria de Bakhtin vai orientar o conhecimento no campo das ciências humanas? Certamente, não é com a exatidão. Sua proposta radicaliza a mudança de paradigmas das ciências humanas. Compreende a pesquisa como uma tentativa de tornar mais compreensível o que está na vida, poder representá-lo. O possível é como a teoria constrói o mundo. O real é o acontecimento. Não é uma verdade teórica que vai dar conta

do sujeito no mundo. As verdades teóricas são construções históricas, mas têm a pretensão de serem compreendidas universalmente.

Partindo do conceito de DIALOGISMO, consigo provocar uma nova reflexão acerca do meu objeto de pesquisa, entendendo que a palavra é neutra, quando vamos utilizá-la, damos uma dimensão moral a elas. Que vozes estão presentes nas falas das mulheres moradoras das favelas da zona oeste, mais especificamente Pedra de Guaratiba, quando travam uma conversa/entrevista com uma psicóloga/pesquisadora que se propõe a conhecer e estudar um novo espaço urbano e as pessoas que nele habitam? Ou, nas palavras de Lopes (2002):

*(...) investigar e reconhecer as representações comuns, ou distintas, que os sujeitos pobres produzem de si, de suas comunidades e de suas cidades, analisando os condicionamentos sociais que se impõem sobre os mesmos e as mediações que se constroem nesse processo, como estratégias de sobrevivência. (p. 165).*

## 4.2 Reflexões sobre o campo

*"Todas as coisas do mundo conduzem a um encontro ou a um livro."*  
(Jorge Luis Borges)

Este tópico pretende dar voz às mulheres a partir das categorias pelas quais são socialmente construídas as identidades femininas e as vivências da maternidade das mulheres moradoras de Pedra de Guaratiba, enfocando as representações subjetivas e os atravessamentos sociais aí presentes. Através de entrevistas e observação participante (como visitas domiciliares, conversas nos horários de entrada e saída da escola, passeios no Ônibus da Liberdade entre outros), o método de pesquisa qualitativa se configura como o mais adequado para alcançar os objetivos propostos. Construir o trabalho a partir de uma perspectiva histórico-crítica foi sempre o nosso objetivo.

Buscamos investigar a maternidade a partir do olhar das próprias mulheres, e de suas significações a respeito de suas experiências, visto que em pesquisa qualitativa, o objeto de estudo são as pessoas em sua fala, em seu comportamento, em seu *setting* natural. Problematizar e questionar o olhar da opressão sobre a sexta gravidez como sendo meu, e não delas (ou não necessariamente delas), a moralidade sobre a classe baixa e o poder do técnico/especialista. A gravidez é indesejada para quem? Não estamos aqui para fazer ortopedia social e esse é o desafio de trabalhar o outro radicalmente diferente de você. Não fazer do outro o espelho de si mesmo.

Minayo (2007) concebe a entrevista como um instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais, posto que a fala é reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos, além de transmitir, através de um

porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas. Utilizamos entrevistas semi-estruturadas, contemplando as histórias de vida de nossas entrevistadas. Dessa forma, ao entrevistar as mulheres de Pedra de Guaratiba, pretendi obter dados de um registro subjetivo, como suas atitudes, valores e opiniões.

Minayo (2007) afirma que através da fala do indivíduo podemos representar o grupo social em que ele está inserido, pois o comportamento obedece a modelos culturais internalizados, sem deixar de considerar as variações das expressões pessoais. Dessa forma, nossa tarefa como pesquisador é justamente realizar interpretações contextuais (social e historicamente) dos fenômenos humanos e sociais que escolhemos como objeto de nossa pesquisa (Nicolaci-da-Costa, 2006).

Considerando que a subjetividade do pesquisador está presente em todo o processo, desde a escolha do objeto, Minayo (2007) ressalta que é importante mantermos a crítica sobre as condições de compreensão do objeto e também dos procedimentos de análise do mesmo. A relação que o pesquisador vai estabelecer com o seu campo, guia toda a produção de conhecimento, e assim, torna-se fundamental uma rígida instrumentalização teórica e metodológica para a aproximação e a construção da realidade que queremos investigar.

#### **4.3 Conversas e entrevistas: a entrada no campo e o que elas têm a dizer**

*"Sonhar  
Mais um sonho impossível  
Lutar  
Quando é fácil ceder  
Vencer o inimigo invencível  
Negar quando a regra é vender  
Sofrer a tortura implacável  
Romper a incabível prisão  
Voar num limite improvável"*

(Versão - Chico Buarque e Ruy Guerra)

O contato com as primeiras três entrevistadas<sup>59</sup> se deu num clima bastante amistoso e descontraído, pois já havia estabelecido entre nós uma relação de confiança e um

---

<sup>59</sup> Que se deu durante a elaboração do trabalho para o exame de qualificação.

vínculo construído. Trabalhei durante três anos em uma ONG (Fundação Xuxa Meneghel) em Pedra de Guaratiba, e as famílias de duas entrevistadas participavam desse projeto. Eram constantes as visitas domiciliares e as entrevistas de acompanhamento das crianças, o que possibilitou uma grande aproximação com essas mulheres. No ano de 2006, fui convocada pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro para compor o quadro da Secretaria Municipal de Educação e implementar um novo projeto, a Rede de Proteção ao Educando. Na divisão do território, fiquei responsável pelas escolas municipais de Pedra de Guaratiba. Os filhos das três mulheres entrevistadas inicialmente estudam no mesmo Ciep, e por isso mantive o contato com as duas "velhas conhecidas" e pude estabelecer novo contato com a terceira entrevistada.

Num segundo momento das entrevistas<sup>60</sup>, realizei todas na Fundação Xuxa Meneghel. Juntamente com a equipe técnica da instituição, convidamos as mulheres a participar da pesquisa. Algumas já estavam na ONG desde o período em que eu trabalhava lá<sup>61</sup>, outras, conheci no momento da entrevista.

Das catorze mulheres entrevistadas, nove eu já conhecia anteriormente, devido ao trabalho na ONG e/ou nas escolas municipais da região, e cinco eu conheci no momento da entrevista. As três primeiras entrevistadas, ainda na época da qualificação, foram escolhidas por mim, conforme as ia encontrando pelo Ciep. Quando me pegava pensando que podia dar uma boa conversa para a pesquisa, fazia o convite, e assim elas aceitaram participar. Vale lembrar que andava sempre com o gravador na bolsa, pois meu campo de análise é também campo de meu trabalho diário, e várias vezes, em outras circunstâncias, lamentei não estar com o gravador por perto, pois percebia muito material de pesquisa a cada nova conversa com algumas mães/mulheres. É importante apontar que muitos exemplos que apareceram ao longo dos capítulos teóricos antecedentes dessa tese, vem da minha convivência diária com elas, e das lembranças e vivências que não foram registradas pelo gravador, mas por minha memória. Ou seja, todo o material que temia ter se perdido, ia aparecendo à medida que ia escrevendo, já que esses encontros aguçavam ainda mais minha vontade de estudar o objeto escolhido. Na nova etapa do trabalho de campo, inicialmente, durante uma reunião com a equipe técnica da ONG, foram sugeridas algumas mulheres para a pesquisa. Quando elas iam argumentando os motivos das sugestões, fazendo um breve resumo da história de cada

---

<sup>60</sup> Após a qualificação e a retomada do trabalho de campo.

<sup>61</sup> Na Fundação Xuxa Meneghel, as crianças entre 3 anos e 6 anos e 11 meses permanecem em horário integral, cursando a educação infantil e em seguida a classe de alfabetização. Entre 7 e 12 anos, elas freqüentam a ONG no contra-turno da escola, participando de oficinas culturais, artísticas e esportivas. Durante todo esse período, muitas atividades são propostas para as famílias. Dessa forma, mesmo após alguns anos, conhecia muitas mulheres / mães atendidas pela instituição.

uma, percebi que me interessava em conhecer todas, além das que eu já conhecia e estava com muita vontade de rever. Decidimos então agendar com oito mulheres. Como toda pesquisa tem suas intercorrências, na data marcada previamente, foi dado ponto facultativo no município do Rio, e conseqüentemente o Ônibus da Liberdade não funcionou.

O famoso ônibus foi iniciativa do antigo prefeito de nossa cidade para possibilitar a ida das crianças moradoras das áreas mais pobres e com dificuldade de transporte à escola. Desde a implementação dessa política pública, centenas de crianças de Guaratiba deixaram de andar quilômetros para chegar e sair da escola ou ficar à mercê da carona dos ônibus e vans. Dessa forma, imediatamente passou a ser carinhosamente chamado de Cenourinha, referência à cor que virou símbolo da antiga prefeitura. Atualmente os Cenourinhas estão virando Azulinhos. O que importa é que os moradores da região internalizaram o ex “Cenourinha” de tal forma, que hoje, nos dias que não tem o Ônibus da Liberdade, até mesmo o posto de saúde fica esvaziado. Assim, das oito mulheres agendadas, somente três apareceram, justamente as que moravam mais perto da instituição e não precisavam de transporte. Decidi então que iria para a ONG outros dias, sem nada marcado, e à medida que as encontrasse, faria o convite. E assim foi feito.

Quando explicava a elas sobre o tema da minha pesquisa, pude notar até mesmo um orgulho por terem sido lembradas e escolhidas por mim (ou pela equipe técnica atual) para contarem suas histórias. Uma das entrevistadas chegou a me perguntar: "Vai sair no jornal?" E outra, com receio do gravador: “Não vai pra Globo nem pra Record não, né?”

*O grande desafio posto para mim quando da entrada em campo, foi me desprender de um conhecimento construído durante os seis anos em que trabalho naquela comunidade, estando em contato quase diário com essas mulheres, freqüentando suas casas e vendo de perto a realidade em que vivem, justamente o que havia fomentado minhas questões para o desenvolvimento da pesquisa. Queria, pois, me surpreender, poder olhar de outra forma, somar novidades a uma visão que já havia estabelecido. Minayo (2007), utilizando Bourdieu, traz o conceito de "ilusão da transparência", problematizando a crença de que o real se apresenta de forma nítida àquele que observa. "Portanto, analisar, compreender e interpretar um material qualitativo é, em primeiro lugar, proceder a uma superação da sociologia ingênua e do empirismo, visando a penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade" (p. 229).*

Cada participante foi entrevistada pessoalmente por mim, e as catorze entrevistas que compõem esse trabalho foram realizadas, parte em um Ciep municipal de Pedra de Guaratiba, uma das escolas em que trabalho, e parte na Fundação Xuxa Meneghel. Todas as entrevistas, semi-estruturadas, foram gravadas mediante o prévio consentimento das entrevistadas, e tiveram como base um roteiro a ser abordado, levantado a partir de literatura especializada e das inquietações presentes na entrevistadora acerca da

problemática central da pesquisa. O roteiro constava dos seguintes tópicos: o lugar da maternidade em sua vida; primeira gravidez e número de filhos; naturalidade e a cidade do Rio de Janeiro; concepção de família e relacionamento com os parceiros; rede social e comunidade; escolarização e inserção no mercado de trabalho; a vida em Guaratiba. Vale ressaltar que, de acordo com Bakhtin (2003), nenhum dos elementos “faz sentido” separado da totalidade. Cada um está “em relação” a um outro. Assim, a entrevista não significa uma conversa despreocupada e neutra, apesar do clima de intimidade e descontração que marcaram a nossa entrada em campo, como já nos apontava Cruz Neto (1994), se caracteriza como um meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Uma das modalidades da entrevista é a história de vida como estratégia de compreensão da realidade, “sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas (pela) pessoa (...)” (Cruz Neto, 1994, p. 58). Minayo (2004) aponta a história de vida tópica, contrapondo-se com a história de vida completa, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão. Essa parece ser a forma que mais se aproxima do desenvolvimento do nosso trabalho de campo. Cruz Neto (1994) salienta ainda ser esse “*um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.*” (p. 59). Minayo salienta ainda que a história de vida pode mais do que qualquer técnica, exceto talvez a observação participante, dar sentido à noção de processo, já que nos fornece uma riqueza de detalhes cujo caráter só seríamos capazes de especular na ausência de uma técnica adequada. A observação participante, outra técnica utilizada na elaboração de nossa pesquisa, “*se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.*” (Cruz Neto, 1994, p.59). O autor reforça que nesse processo, o pesquisador, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto e a importância dessa técnica está no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais importante e evasivo na vida real.

As dez categorias de análise a serem utilizadas surgiram da fala das próprias mulheres, e são elas: 4.3.1 - A Maternidade - que se subdividiu em: 4.3.1.a) – A primeira gravidez; 4.3.1.b)- Os outros (muitos) filhos e a função da maternidade; 4.3.1.c) - As tentativas de aborto; 4.3.1.d) - Quando o marido quer o filho... Elas cedem; 4.3.1.e) - Filho para preencher um vazio; 4.3.1.f) - Gravidez e violência doméstica; 4.3.1.g) - A perda de um filho, 4.3.1.h) - O que é a maternidade? - Inseguranças e contradições; 4.3.2

- Aparente passividade frente à vida; 4.3.3 - Desigualdade de gênero / Violência doméstica / Uso abusivo de álcool e outras drogas; 4.3.4 - Vida de Migrante e a Rede Social com a Família; 4.3.5 - Vulnerabilidade Social / Baixa Escolaridade / Precariedade da Vida Profissional / Diminuição da Sociabilidade; 4.3.6 - Pobreza e suas Relações com a Violência da(na) Cidade; 4.3.7 - Precariedade na Relação com a Mãe; 4.3.8 – Religiosidade; 4.3.9 - Conjugalidade(s) e 4.3.10 - Contraceptivos e Planejamento Familiar.

Vale ressaltar que apesar do consentimento das mulheres em participarem da pesquisa, os nomes das entrevistadas, assim como de seus filhos e maridos/parceiros, foram alterados para preservar a identidade dos mesmos.

Para início de conversa, vou fazer uma breve apresentação das mulheres entrevistadas:

Conhecia **Elenira** do grupo de mães que estava realizando no ano de 2008 no Ciep em que trabalho. Um dos seus filhos foi encaminhado pela professora para a psicologia, por causa dos freqüentes relatos de violência doméstica que o menino trazia. Elenira é natural do Ceará, mora no Rio de Janeiro há 12 anos, tem 33 anos. Teve 7 filhos, de dois relacionamentos diferentes. A primeira gravidez foi com 19 anos. O segundo filho morreu quando estava com 4 meses. O mais velho (Tarlan – 14 anos) mora no Ceará com a avó materna. Tem mais 5 filhos no Rio de Janeiro (Tamara - 8 anos, Tauan – 7 anos, João Tale – 4 anos, João Teverson – 2 anos, Tânia Mara – 1 ano). Estudou até a 2ª série do ensino fundamental, não trabalha fora.

Conhecia **Denise Lucia** há quatro anos. Uma das filhas é matriculada na ONG (Fundação Xuxa Meneghel) em que eu trabalhava. Denise era uma mãe meio “encrenqueira”, brigava por tudo e foi convidada por nós a participar do Grupo “Coisas de Mulher” (já mencionado anteriormente no trabalho). É articulada, tem opinião. Se arrumava toda para ir à ONG, chegou a colocar *mega hair* no cabelo até a cintura. As técnicas que fizeram visita domiciliar em sua casa, estranhavam todo o seu “embelezamento” devido às condições miseráveis em que vivia. Tem 36 anos e é natural do Rio de Janeiro, sempre morou na zona oeste (entre Campo Grande e Santa Cruz). Está grávida do 5o filho. A primeira gravidez foi com 19 anos. O filho mais velho, Marcos, está com 16 anos. De um outro relacionamento, teve mais três filhos Paula Brenda (10 anos), Letícia (8 anos); Paulo Vitor (6 anos) e o que está por vir. Todos os filhos moram com ela. Denise estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Até engravidar, estava trabalhando na Fazenda Modelo, “*capinando, roçando, plantando*”, mas foi mandada embora.

**Teresa** já era velha conhecida minha, pois seus filhos freqüentavam a Fundação Xuxa Meneghel e desde 2004 são constantes as intervenções junto a essa família. Lembro

que ficou conhecida pelos técnicos da ONG como “*Sim senhora, não senhora*”, tamanha a sua passividade frente aos fatos e às conversas propostas por algum de nós. Tal apelido se deu, pois essas eram as únicas palavras que conseguia dizer quando a convocávamos a se apropriar de alguma situação. Vivia em uma grande miséria, não trabalhava fora e não conseguia ter o menor controle sobre a vida dos filhos, nem certidão de nascimento as crianças tinham. Durante a entrevista apareceram muitos relatos sobre a vida de Teresa que eu desconhecia totalmente: “*tinha vergonha de contar isso antes*”. Uma semana depois, me procura novamente na escola bastante abalada, acabara de perder o filho mais velho, que fora assassinado pela milícia. Teresa tem 37 anos e é natural do Rio de Janeiro, sempre morou naquela área. Tem (tinha) 10 filhos (Johny – 19 anos (assassinado ao longo da pesquisa); Luana – 17 anos; Suellen – 16 anos; Jonatan – 14 anos; Luan e Ruan – gêmeos - 12 anos; Alberto – 9 anos; Vitória – 8 anos; Gabriel – 7 anos e Adriano – 6 anos). Todos do mesmo pai. A primeira gravidez foi aos 19 anos. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental, e hoje trabalha como diarista duas vezes por semana, em uma outra favela - Rio das Pedras.

**Maria Regina** também já me conhecia fazia um bom tempo. Durante meu trabalho na ONG, acompanhei sua família. É uma mulher bonita, bem vestida, loira, olhos claros, uma fala muito articulada. Realizou a entrevista toda com Noemia, sua filha caçula nos braços, ou no peito. Como resposta a um choramingo de Noemia, afirmou: “*Deixa eu botar o peito na boca dessa aqui.*” Está no terceiro casamento. Engravidou pela primeira vez aos 20 anos, na primeira relação sexual. Casou, teve dois filhos e ficou viúva. Época em que abandonou Recife (sua cidade natal) para vir para o Rio de Janeiro. “*Meu sonho era sair da minha cidade e conhecer outros lugares.*” Depois de seis meses no Rio, conheceu seu segundo marido. Com José teve mais três filhos. Com o aparecimento de episódios de violência doméstica, Maria Regina saiu de casa. Atualmente está casada de novo, com uma filha de oito meses. Tem 39 anos e 6 filhos, de três relacionamentos diferentes. Lucia já está casada, Diogo mora com o pai e os outros quatro filhos moram com ela. Atualmente Maria Regina trabalha como manicure num salão de Pedra de Guaratiba. (Lucia – 19 anos; Jonata – 18 anos; Diogo; Regiana; Ana Clara e Noemia – 8 meses).

Conheci **Carolina** no momento da entrevista. É uma moça bonita, e sua história surpreende, tamanho o sofrimento relatado. Carolina se casou quando tinha 16 anos, com um homem 15 anos mais velho (Fabiano). Relata que viveu uma vida de muito sofrimento. Ficou casada durante 22 anos. Afirma que casou cedo para sair de casa, pois foi muito humilhada pela madrasta durante toda a vida. Perdeu a mãe quando tinha 7 anos. Sempre ouviu o conselho do seu avô: “*Casa com uma pessoa mais velha que a sua vida melhora.*” Quando conheceu Fabiano não pensou duas vezes. Resolveu levar a irmã

de 11 anos para morar com ela, para tirar a criança das “garras” da madrasta. Com 13 anos, sua irmã ficou grávida de seu marido. Teve o primeiro filho aos 16 anos. Viveram todos na mesma casa por 20 anos. Atualmente Carolina está separada, vive escondida do ex-marido, que não pode saber seu paradeiro. O processo corre na justiça contra Fabiano. Tem 37 anos, é natural do Rio de Janeiro, estudou até a 8ª série do ensino fundamental e tem 8 filhos. Atualmente trabalha como empregada doméstica. (Fabiana - 20 anos; Fabio - 18 anos; Flavio - 17 anos; Francisco - 16 anos; Andréa - 13 anos; André - 12 anos; Maria Luiza - 8 anos e Maria Carolina - 5 anos).

**Pâmela** tem apenas 16 anos e ainda está matriculada na Fundação Xuxa Meneghel. Sua família é uma das mais conhecidas na ONG, não só pelo fato de frequentarem a instituição desde sua inauguração, como também pela violência doméstica perpetrada por sua mãe, Deosdete, em todos os 13 filhos (um falecido recentemente). Os dois mais velhos foram morar na rua. Todos os outros têm passagens por Abrigos devido aos maus tratos. Pâmela e o irmão falecido (Marco), também fugiram de casa e foram parar em um Abrigo na Baixada Fluminense, local onde conheceu seu “namorado”, pai de sua única filha, Ana Clara, de 8 meses. Todas as vezes em que nos encontrávamos na escola em que estuda, Pâmela me pedia para marcar um horário para ela conversar comigo, quando a conheci tinha apenas 10 anos e ainda hoje me chama de “tia”. No entanto, ao longo da entrevista, mostrou-se lacônica em todas as respostas. É natural do Rio de Janeiro e está cursando o último ano do ensino fundamental.

A família de **Janaína** também foi acompanhada por mim durante o período em que trabalhei na ONG. Dessa forma, a entrevista transcorreu com muita intimidade. Janaína é jovem, negra e espevitada. É uma mãe muito participativa na instituição. Criou um vínculo grande comigo, me liga nos aniversários ou sempre que deseja contar uma novidade. Teve a primeira gravidez aos 17 anos, afirma que foi planejada. Desse relacionamento teve mais um filho. Mas nesse caso a história foi outra. Sua terceira filha é fruto de um breve relacionamento. Janaína é natural de São Paulo e estudou até a 8ª série do ensino fundamental. Tem 29 anos e 3 filhos: Karina (11 anos); João Pedro (9 anos) e Tatiana (3 anos). Atualmente está trabalhando num restaurante no Recreio.

**Ana Paula** tem cara de menina triste, seu corpo demonstra um envelhecimento proveniente da vida que leva. A entrevista rolou de forma descontraída, apesar dos momentos de intenso sofrimento pelas histórias relatadas. Também já nos conhecíamos há bastante tempo. Muitos foram os atendimentos durante meu trabalho na ONG a fim de empoderar Ana Paula para romper com o ciclo de violência doméstica a que se submetia, agravado ainda mais pelo uso abusivo de drogas de Paulão. Sua primeira gravidez foi aos 15 anos. Com Paulão teve 6 filhos, ao longo de um relacionamento que já dura 16 anos. Uma filha faleceu aos 3 anos, com aneurisma cerebral. Ana Paula é natural do Rio de

Janeiro e sempre morou na zona oeste da cidade. Estudou até a 8ª série do ensino fundamental. Seus filhos: Tainá (12 anos); Tatiana (9 anos); Diogo (7 anos); Paulo Cesar (6 anos); Karina (5 anos). Não trabalha fora.

Quando **Maria das Graças** chegou para a entrevista, me surpreendi com sua jovialidade. Parece uma garotinha, é baixinha, tipo “*mignon*” e com cara de novinha. Quando iniciamos a conversa, me surpreendi ainda mais com a história de vida que carrega por trás dessa aparência. Começou a ter relações sexuais aos 12 anos, casou aos 14 e teve seu primeiro filho aos 17 anos. O relacionamento acabou quando “*ele começou a me sacanear.*” Époça em que Maria das Graças, pegando carona, aos 18 anos, com um filho de 9 meses no colo, veio parar no Rio de Janeiro. Passou pelo Conselho Tutelar e por um Abrigo até refazer sua vida. Estava morando em Ramos, quando conheceu seu novo namorado, pai de seu segundo filho. Refazendo mais uma vez a sua vida, “*ainda sofrendo a morte do pai do Caio*”, conheceu seu atual marido, pai de seus dois filhos mais novos. Maria das Graças tem 26 anos, é natural da Bahia e estudou até a 8ª série do ensino fundamental. Seus filhos: Pedro (8 anos), Caio (5 anos), Jonatan (2 anos) e Marilliane (7 meses). Trabalha fazendo unha.

Estava curiosa para conhecer **Marcia**, pois ficou conhecida entre a equipe técnica da ONG, por ser aquela mãe que mora num barraco de madeira todo pintado de rosa, com o chão de terra batida coberto por tapetes. Realmente demonstra vaidade, tem o cabelo pintado de loiro e as unhas feitas com desenhos de flor. Demonstra também muita timidez, a entrevista foi rápida, e Marcia bastante econômica em suas respostas. Sua primeira gravidez aconteceu aos 17 anos, com um colega da escola, que já tinha 35 anos. Quando soube da gravidez, “*não assumiu e sumiu*”. Teve que largar o emprego de caixa de supermercado e continuar morando com a mãe e sua filha pequena. Quando voltou a trabalhar, em casa de família, conheceu seu marido, pai de seu segundo filho. Relata que essa gravidez foi planejada. Ao falar do fim desse relacionamento, fica nervosa, se certifica se eu realmente estou gravando, pergunto se prefere que eu desligue o gravador, e, com um riso envergonhado, conta: “*foi traição, da parte dele.*” Atualmente, Marcia está casada novamente, com o pai de seu terceiro filho. Tem 24 anos, é natural do Rio de Janeiro e estudou até o 1º ano do ensino médio. Além dos 3 filhos, ainda cria 1 sobrinha: Mariana (sobrinha – 9 anos), Maria Clara (6 anos), Jean (4 anos) e Manuel (8 meses). Não trabalha fora.

Eu também conhecia **Édila**, pois ainda trabalhando na ONG, participei do processo seletivo de seu filho para a nova turma da educação infantil. Na época, fiz visita à sua residência. Sempre demonstrou ser uma pessoa fechada, é na dela, não fica “de papo” no portão da instituição. E assim também foi a entrevista, com respostas curtas, e com grande dificuldade em deixar escapar seus sentimentos. Sua primeira gravidez foi aos 17

anos. Com seu primeiro marido, com quem permaneceu casada por sete anos, também teve seu segundo filho. Deixou os filhos em Minas Gerais com a avó paterna. Voltou para o Rio de Janeiro e casou de novo, com quem teve seu terceiro filho. O marido quis “*ir embora*”. Após a decepção com o fim desse relacionamento, viveu uma fase de “*muita bagunça e muito agito*”. Sua primeira filha mulher veio “*no meio da bagunça.*” Atualmente Édila está casada de novo, virou evangélica e teve mais um filho. Tem 32 anos, é natural do Rio de Janeiro e estudou até a 2ª série do ensino fundamental. Filhos: Luan (15 anos), Vitor (13 anos), João (6 anos), Joana (4 anos), Jeová (6 meses). Não trabalha fora.

**Marilane** é a típica mulher nordestina, com sotaque “arretado”. Baixinha, com a aparência característica da mulher imigrante, veio de Maceió para o Rio de Janeiro, para o marido “*tentar a vida*” aqui. Tinha na época 17 anos, aos 19 anos teve seu primeiro, dos 8 filhos. Está casada há 17 anos. Desde que se casou, parou de trabalhar. Tem 37 anos, mas parece ser bem mais velha. Estudou até a 2ª série do ensino fundamental. Dos oitos filhos que teve, uma morreu logo após o parto. Seus filhos: Jeferson (16 anos), Uélito (14 anos), Fabiana (12 anos), Jeane (10 anos), Joana (8 anos), Fábio (4 anos) e Lara (1 ano).

Logo no início da entrevista, me surpreendo com a resposta de **Josiane** ao perguntar sua idade. “*Eu não sei exatamente a minha data de nascimento. Porque eu fui registrada por uma ex patroa minha. Eu não conheço meu pai nem minha mãe. Aí fui registrada por uma outra pessoa. Inventaram uma data e me deram um nome, porque eu também não sei se o meu nome é esse.*” Percebi que tínhamos pela frente muita história pra contar. De acordo com sua certidão de nascimento inventada, Josiane tem hoje 28 anos. É natural de João Pessoa (Paraíba), e veio para o Rio de Janeiro porque “*achava que aqui a vida ia ser melhor.*” Ainda na Paraíba foi menina de rua, fugiu da casa de uma mulher que lhe pegou para criar, e lhe maltratava muito. Se tornou mãe pela primeira vez aos “19” anos. Com seu segundo marido, teve os outros três filhos. A bebê de 10 meses, Daniela, que estava no colo, e ora no peito de Josiane durante a entrevista, não foi registrada pelo pai. Josiane ainda estava grávida quando seu marido “desapareceu”. Provavelmente foi assassinado pela milícia local, devido aos constantes episódios de violência doméstica perpetrados por ele, além da suspeita de tentativa de abuso sexual à enteada. Josiane estudou até a 2ª série do ensino fundamental. Seus filhos: Joana (8 anos), Cleberson (6 anos), Tayane Vitória (2 anos) e Daniela (10 meses). Não trabalha fora.

Assim que **Luciana** chega para a entrevista, como não lhe vejo há um tempo, pergunto se está tudo bem e como andam as coisas. A primeira resposta que me dá é que está solteira. Começamos a conversar e logo se refere a seu primeiro marido como o “*finado pai da Letícia*”, demonstrando que estava “doida” para me contar esse episódio.

Um mês antes da entrevista, ele havia sido assassinado pela milícia. Luciana ficou com ele dois anos, engravidou de Letícia quando tinha 18 anos. A segunda filha é fruto de um namoro. Luciana casou de novo e teve seu primeiro filho homem, que como ela mesma define, foi fruto de uma “*rapidinha*”: “*Sabe aquela coisa de casal com casa cheia?*” Chora muito ao lembrar do fim desse relacionamento, por causa da traição do marido. E me lembra mais uma vez que está solteira desde a separação. “*São dois anos que eu não beijo. São dois anos que eu não faço nada daquilo.*” Luciana tem 28 anos, é natural do Rio de Janeiro e estudou até a 7<sup>a</sup> série do ensino fundamental. Seus filhos: Letícia (9 anos), Taylane (7 anos) e Ian (5 anos). Não trabalha fora.

Entre as entrevistadas, oito mulheres nasceram no Rio de Janeiro, uma é natural de São Paulo, e temos ainda imigrantes da Bahia, João Pessoa, Maceió, Ceará e Recife. Percebemos logo a forte representatividade das regiões Norte e Nordeste de nosso país, bem característico do território estudado.

A mais nova entrevistada é Pâmela, de apenas de 16 anos, e a mais velha, é Maria Regina, com 39 anos. O número de filhos variou entre 1 e 10. Já em relação à escolaridade, apenas uma das catorze entrevistadas conseguiu alcançar o ensino médio e ainda assim, parou no primeiro ano. Todas as outras permaneceram no ensino fundamental, sendo que Elenira, Édila, Marilane e Josiane estudaram apenas até a segunda série do ensino fundamental.

Um outro fator pertinente a todas as entrevistadas é que tiveram a primeira gravidez ainda na adolescência. Ana Paula foi a que engravidou mais cedo, aos 15 anos e Maria Regina foi a que demorou mais a ter o primeiro filho, aos 20 anos. Uziel e Santana (2008) problematizam a relação de inadequação que em geral se estabelece entre “*ser mãe*” e “*ser adolescente*”. Apontam, que frequentemente, mães adolescentes acabam se tornando “*adolescentes esquecidas*” e tendo uma “*adolescência negada*”. “*A gravidez na adolescência vem se constituindo, nos últimos anos, como um fenômeno na sociedade brasileira, despertando discursos que variam desde um alarde, tratando a questão como problema de saúde pública, sobretudo se conjugada à pobreza, até a busca por uma compreensão do significado da gravidez para essas meninas.*” (p. 25).

#### **4.3.1 A Maternidade: “A vida é muito difícil, mas eu amo muito meus filhos.”**

Considerando que grande parte dos modos de subjetivação contemporâneos ainda é determinado pela identidade de gênero, a identidade de “mães” que essas mulheres assumem, parece atravessar quaisquer outras funções que desempenham ou

vivenciam, como veremos a seguir. No entanto, “apesar de a maternidade levar ao acompanhamento do desenvolvimento de um outro sujeito durante muitos anos, ela não aciona uma dimensão de futuro (para essas mulheres)”, como consideram Uziel e Santana (2008, p. 29), o que também podemos observar no nosso campo.

Dentre as 14 mulheres entrevistadas, a maioria afirmou que quis a gravidez do primeiro filho, mesmo ainda estando no período da adolescência. E pudemos observar em suas falas justificativas para esse desejo e conseqüentemente, essa escolha. Seja para sair da casa de pai e mãe, seja para prender o marido, ou ter uma criança só sua, já que tomava conta dos irmãos. Além disso, percebemos também como o filho chega para ocupar um vazio, preencher um lugar de companheiro de todas as horas, aplacar a solidão, como poderemos observar abaixo.

Ser mãe, para essas meninas, talvez seja uma das poucas formas que lhes restam, no sentido de se colocarem no mundo como sujeitos sociais. “(...) *Ser mãe, parece, então, um caminho inevitável. Caminho esse que irá lhes conferir um status e algumas prerrogativas, constituindo-se numa verdadeira estratégia de sobrevivência. Porém, ao mesmo tempo, elas são tomadas como desviantes em relação à idade que se espera que a maternidade ocorra.*” (Catharino e Giffin, 2002, s/p.) Dessa forma, é um engano assumir que toda gravidez de adolescente é indesejada. Muitas são sim, desejadas e planejadas, como veremos a seguir. “*Parece-nos que o advento da gravidez na adolescência se constitui, em muitos casos numa denúncia, num grito de socorro, que aponta para uma situação de abandono social.*” (op. cit., s/p.).

#### **4.3.1 a) A primeira gravidez: “O primeiro filho, quem não quer?”**

Analisando a gravidez na adolescência, Oliveira (2010) pondera a necessidade de desmistificar a idéia, que ainda persiste em algumas classes sociais, de que as adolescentes engravidam por falta de informação. Isso não significa que a gravidez tenha acontecido a partir de uma decisão consciente, “*as jovens deixaram a gravidez acontecer.*” (p. 65). Como já dissemos anteriormente, muitas vezes, a gravidez vem cumprir o destino e a função da mulher, já que falar em precocidade na gravidez quando se fala das classes pobres, é bastante questionável, e há que se considerar a heterogeneidade das situações e das escolhas que fizeram. Apesar das 14 mulheres entrevistadas terem engravidado ainda na adolescência ou bem jovens, trazem consigo histórias bem diferenciadas, mas todas, marcadas por valores culturais de seu meio.

Maria Regina perdeu a virgindade aos 20 anos, e logo na primeira relação sexual, ficou grávida. É categórica ao afirmar que não queria esse filho. *“Uma moça grávida sem casar era uma aberração para os pais.”*

Pâmela declara que sempre quis ser mãe, e que a idéia de engravidar foi sua. Mas conta que seu namorado estava sabendo dos seus planos. *“Nós quis.”*

Ana Paula engravidou pela primeira vez aos 15 anos. Apesar de manter relações sexuais, não se prevenia. *“Eu achava que não ia engravidar. (...) Eu comecei a sentir enjoão a café. Aí foi minha madrasta que suspeitou que eu tava grávida.”*

Maria das Graças, Márcia e Édilia engravidaram pela primeira vez aos 17 anos. *“Descuido, na verdade. (...) Esquecia de tomar o remédio.”*, esclarece uma delas. Para Márcia, *“acabou acontecendo (...) Eu tomei um susto, né? Porque eu era muito nova.”* Já Édila afirma, meio a contra-gosto, que quis a gravidez. *“Naquela época era assim, sair de casa de pai, de mãe...”*

Marilane engravidou pela primeira vez aos 19 anos, e afirma que o filho foi planejado, tanto por ela quanto por seu marido. Relata que a experiência de ser mãe pela primeira vez foi *“boa, muito boa”* e que sua vida mudou completamente.

Ao contar sobre sua primeira gravidez, Josiane relata: *“Foi assim sem eu esperar. Porque eu tomava comprimido, né? Quando eu fui ver já tava com seis meses. Não tinha barriga, não tinha nada.”*

Pergunto porque Luciana ficou grávida aos 18 anos. *“Sei lá... Porque eu quis. Porque eu quis mesmo. Os outros (filhos) são diferentes.”*

Catharino e Giffin (2002) ao analisarem a gravidez na adolescência apontam o discurso médico-psicológico, que com uma perspectiva normativa, utilizam a gravidez como “bode expiatório” para encobrir e justificar uma situação social que mantém à margem aqueles que já são historicamente excluídos, ou seja, mulheres e pobres. Defendem que a gravidez pode representar para essas meninas, uma tentativa de encontrar, mesmo com grande ônus, um lugar social e também a possibilidade de *“cuidar de si”* através do outro. *“(...) A ocorrência da gravidez na adolescência precoce não estaria se constituindo em um elemento de invenção de uma história de vida? Invenção esta, que no entanto não diz respeito a um projeto individual, mas a um projeto coletivo, pois que construído a partir dos significados sociais relativos à maternidade e das oportunidades materiais disponíveis em nossa sociedade.” (s/p).*

#### **4.3.1 b) Os outros (muitos) filhos e a função da maternidade:**

**“Ai... tem horas que dá vontade de jogar tudo no rio. (Risos).”**

Se os filhos não foram planejados ou desejados, podemos observar que, na maior parte dos casos, são totalmente aceitos. Precisamos, primeiramente, desconstruir a idéia de uma gravidez indesejada. O que seria isso? Sinônimo de uma gravidez não planejada? Uma gravidez fora do casamento pode ser considerada indesejada? De que casamento estamos falando? E uma gravidez entre adolescentes, é indesejada? Uma gravidez indesejada necessariamente implica em filho não desejado? Na prática, uma gravidez indesejada pode resultar em um aborto, ou, mais a frente, em filhos desejados. Estabelecer todas as relações é tarefa muito complexa, e partindo dessa complexidade é que deve ser vista. Como já mencionado anteriormente, a maternidade parece lhes garantir uma identidade. As mulheres adolescentes estudadas por Uziel e Santana (2008) também trazem a maternidade como escolha. “(...) *mesmo que o ato sexual não tenha sido planejado, nem a gravidez. A opção, como muitas delas entendem, veio após a constatação de que seriam mães. ‘Opção’ vira sinônimo de gostar do filho, de não tê-lo abandonado – mesmo quando foram feitas tentativas de aborto.*” (p.26).

Maria Regina comenta sobre os seis filhos. “*Aí foi quando nesses vacilos, eu fiquei. Eu não queria, mas se ficasse. (...) Isso foi mais falta de responsabilidade minha mesmo.*”

Maria das Graças fala sobre a gravidez do segundo filho, “*foi um acidente da camisinha que ficou lá dentro.*”

Para Édila, as gestações do terceiro e quarto filhos não foram planejadas. “*Foi erro no remédio, que eu não tomei. Aquela bagunça de remédio (...) A Joana já é de outra burrice.*”

No relato de Marilane, os outros sete filhos, ao contrário do primeiro, não foram planejados. “*O resto foi tudo o acaso, acidente mesmo.*” Marilane admite que tomava pílula sem muita regularidade e acabou engravidando. Outras vezes, quando estava sem tomar remédio, “*ia por aquele método de jogar fora, botar fora, não dava certo não, porque a primeira gotinha ficava lá e aí que causava a tal gravidez.*”

Josiane também afirma que os filhos não foram planejados. “*Nenhum dos cinco eu queria.*”

Para Carolina, apesar de admitir que os filhos não foram planejados, pelo, contrário, foram frutos de constantes abusos do marido, é enfática ao declarar que os filhos são tudo para ela. “*Os momentos felizes que eu tive, foi com eles (filhos). Eles são a alegria da minha vida hoje.*” E quando pergunto sobre os momentos felizes ao longo de sua vida, imediatamente remeta à maternidade. “*Só quando eu tive meus filhos. Quando eles mamavam no meu peito. (Chorando). Aí era muito bom (...). Cada um que vinha, eu fazia assim como se fosse o primeiro. Eu fazia aquele quarto bonitinho, recebia eles com todo carinho, todo amor, sabe?*”

As falas acima demonstram que com a falta de perspectivas, elas acabam engravidando e fazendo da gravidez em si e da criação dos filhos um projeto de vida.

#### **4.3.1 c) As Tentativas de Aborto: “O que me davam eu tava tomando”**

Um outro ponto que merece destaque é a repetição de histórias de tentativas de aborto ao longo da vida. Maria Regina, Janaína, Édila e Marilane tentaram interromper alguma gravidez, tomando remédios e tudo o mais que lhe indicavam. Essa realidade aponta para a necessidade da revisão das políticas públicas vigentes, não só pela dificuldade de trazer essas mulheres para o Planejamento Familiar no Posto de Saúde como para a discussão acerca da descriminalização do aborto e o impacto disto na vida principalmente da mulher pobre, que por não ter dinheiro para interromper uma gravidez indesejada numa clínica, coloca em risco sua saúde, e até mesmo a própria vida e a vida do bebê.

Contando sobre a quarta gravidez, Maria Regina relata: *“Aí eu tomei uns remédios malucos, mas não adiantou nada. Eu tomei uma garrafada que uma colega fez com umas ervas. Horrível.”* Já quando ficou grávida do quinto filho: *“Aí eu tentei de todos os meios pra tirar. Procurei uma clínica, só que na época achei muito caro, não tinha dinheiro. Tomei aqueles remédios, buchinha do Norte. Porque eu tava desesperada, eu não queria. (...) Aí eu tentei tudo, mas não consegui. Aí tive que segurar.”*

Janaína relata que quando descobriu que tava grávida do segundo filho, fruto de uma violência por parte do marido, foi a pior decepção de sua vida, e tentou de tudo para abortar a criança. *“Tomei seis injeções na veia, Gabi. (...) Ainda tomei um chá brabo do mato.”*

Édila também admite que tentou *“tirar o bebê”*, durante sua quarta gravidez: *“Tomei Citotec, duas vezes.”*

Marilane conta que também tentou interromper uma gravidez. *“Ah, eu tomei uns remédios fortes lá que gente mais velha do que eu me ensinava.”* Ainda assim, levou a gravidez até o final. *“Ela nasceu num dia e morreu no outro. (...) Eu não consegui tirar não, Deus que me tirou.”*

De acordo com dados da OMS, ocorre no Brasil uma média de 1 milhão de abortos clandestinos por ano. Fusco et alli (2008) afirmam que as mulheres em situação de pobreza recorrem ao abortamento clandestino como forma de “planejamento familiar”. Tal situação é agravada pela desigualdade social, desigualdade de gênero, racismo e migração, como podemos observar dentre as mulheres pesquisadas.

#### 4.3.1 d) Quando o marido quer o filho... Elas cedem: “Ele vai ficar comigo. Ele vai ficar comigo. Não vai me abandonar. É isso...”

A desigualdade de gênero e a submissão que ainda acompanha a mulher em nossa sociedade esclarecem o comportamento das mulheres entrevistadas quando assumem que tiveram um filho para “prender” o companheiro, ou até mesmo, por imposição deste. Muitas vezes, como nos ressalta Knijnik (2009), ter um filho também pode estar à frente de um desejo de constituir uma família. Os relatos abaixo nos fazem refletir sobre a posição de subordinação que as mulheres, especialmente as pobres, se encontram mesmo nos dias de hoje.

Maria Regina conta que o ex-marido insistia pra que tentassem ter uma filha menina, e ela permanecia enfática: “*Não, eu não quero mais filhos não.*” Ainda assim tiveram mais dois filhos. “*Quando você tem mais pra fazer a vontade do homem, não fica tão prazeroso pra mãe*”.

No relato de Carolina também aparece a necessidade de atender ao desejo, e por vezes às ordens do marido: “*Aí ele me obrigava a ter filho.*”

Maria das Graças conta sobre a gravidez de seu terceiro filho. “*O Jonatan foi uma escolha minha pra poder fazer a laqueadura.*” Num outro momento da entrevista, cai em contradição e diz que engravidou do terceiro filho porque foi um pedido do atual marido. Márcia afirma que planejou a gravidez de seu terceiro filho, já que seu atual marido ainda não tinha filhos. “*Quis porque ele não tem.*”

Édila conta que o quinto filho, Jeová, foi planejado. “*Quis porque era uma coisa que ele (o marido) queria. Ele sonhava com esse filho.*”

Josiane lembra como aconteceu a gravidez do segundo filho. “*Ele (o marido) queria muito, só que eu falava pra ele que não, porque eu já tava com a Joana e ela era pequenininha. Aí eu engravidei e quando tava com quatro meses, ele foi morar com outra pessoa.*”

Durante a conversa com Ana Paula, conforme vamos falando da dificuldade financeira para criar os filhos, ela afirma. “*Agora ser mãe... Eu fico assim... Pôxa, eu podia ter evitado menos.*” Parece querer demonstrar que deveria ter tido menos filhos. Mas as palavras a traem. Também deixa escapar que a maternidade teve uma função específica, manter a relação com Paulão. “*Eu queria prender ele, Gabriela. Eu era apaixonada.*” Um pouco mais reflexiva, ela afirma: “*Eu não quis não (6 filhos). Só a primeira... E a segunda. (...) Mas os outros foi pra prender.*”

#### 4.3.1 e) Filho para preencher um vazio: “Era a única coisa que eu tinha na minha vida.”

Mulheres marcadas por uma vivência tão despossuída acabam por encontrar na gravidez uma tentativa de preencher um vazio que é tão presente, como nos apontam Santos e Carvalho (2006). Schwengber (2007) questiona quais as ancoragens de ligação e vínculos que essas meninas têm com o mundo vivido. Transitoriedade nas configurações familiares, sistema educacional frágil, restrições no mercado de trabalho e acesso restrito aos bens de consumo, todos esses fatores parecem empurrar a adolescente pobre para um “pacto com a gravidez”. A maternidade inscreve essa mulher no mundo social, reiterando a construção de uma identidade de mãe.

Carolina me conta qual era seu sentimento a cada criança que nascia. *“De muito amor. (...) Porque na vida triste que eu vivia, a única coisa que me fazia feliz era meus filhos. Era só o que eu conseguia construir, era meu filhos. Então a maternidade para mim era tudo. (Chorando) Era uma coisa minha. Eu olhava meus filhos e falava: Você é meu. Eu não tenho mãe, eu não tenho pai, mas eu tenho vocês.”* Carolina nos deixa perceber que o nascimento dos filhos tinha uma função de preenchimento de um vazio de uma vida tão marcada pela infelicidade. *“Era uma coisa que ele não podia tirar de mim.”*

Ao longo da conversa com Pâmela vai ficando claro o motivo que a fez escolher ter um filho aos 16 anos. *“Pra ter o meu, tia. Para minha mãe parar de mandar eu tomar conta das crianças. Pra ver como era a vida da minha mãe. (...) Sempre achei legal tomar conta de fil... De criança. Então era bom eu ter o meu pra mim tomar conta.”*

Apesar de estar com apenas 17 anos, Janaína também planejou sua gravidez. Diz que queria ter um filho para preencher um vazio que sentia e *“acabar de vez com a solidão.”* É incisiva ao comentar a função dos filhos em sua vida. *“Eu penso, Gabi, que se eu não tivesse meus filhos hoje, eu acho que eu não estaria mais aqui. (Emocionada).”*

Denise Lucia reitera: *“Sou feliz porque eu tenho meus filhos. Se eu não tivesse meus filhos acho que não seria feliz. Tenho meus filhos que Deus deu.”*

Apesar de toda a dificuldade trazida por Ana Paula em exercer a maternidade e criar seus cinco filhos, consegue demonstrar a dimensão que eles têm em sua vida. *“Em alguns momentos eu tenho prazer em ser mãe. Porque o único que eu vou ter pro resto da minha vida vão ser eles, entendeu? E eu nunca vou fazer o que meu pai fez, abandonar. Nunca.”*

Na declaração de Maria das Graças também podemos observar essa função. *“Eu me acho muito feliz quando meus filhos dizem que me amam a todo momento.”* Assim como na fala de Márcia. *“Porque a gente passa por uns momentos ruins, bons, e eles*

*estão sempre do lado, né? Não é que nem o marido, que a qualquer momento vai embora. Filho é pra sempre.”*

Édila fala sobre o companheirismo que os filhos lhe trazem. *“Nas minhas horas assim... de tristeza, de vazio, se eu não estou conversando com Deus, eu estou conversando com eles.”*

Luciana também faz essa reflexão. *“Mas eu sou feliz porque que tenho eles. Acho que se eles me faltassem, eu ia ser a pessoa mais infeliz do mundo.”*

#### **4.3.1 f) Gravidez e Violência Doméstica: “Eu fiquei mais indignada pelo fato conforme que ele foi gerado.”**

Souto e Braga (2009) afirmam que a violência conjugal é uma violência de gênero, produzida nas relações sociais. Sabemos que a sociedade atribui papéis e direitos bem diferenciados à mulher e ao homem. *“Em consequência disso, a violência passa a ser considerada, muitas vezes, um ato normal ou natural, permanecendo invisível e inquestionável, convergindo para uma subvalorização do fenômeno e de seus efeitos.”* (p. 671). O lugar que a mulher ocupa nas relações conjugais e na família fala da subordinação da condição feminina, menosprezando a capacidade da mulher para autodeterminar-se sexual e socialmente, tornando-a mais vulnerável ao abuso físico emocional e sexual masculino. Com a naturalização dos episódios de violência, as mulheres permanecem nessas relações por longos períodos, o que *“fragilizam-nas e as tornam mais vulneráveis, pondo-as em menor condições de enfrentamento.”* (p. 671).

As histórias de vida de Teresa, Carolina, Josiane e Ana Paula são marcadas por muita violência sexual, ao logo de anos de relacionamento, em que se viam obrigadas a manterem relações sexuais e até mesmo a engravidarem. De acordo com as autoras citadas acima, as mulheres permanecem junto aos agressores pois se sentem incapazes de negociar mudanças e de enfrentar a situação, *“sentiam-se desvalorizadas, com uma autoimagem negativa e sentimentos de desamparo, inferioridade e insegurança.”* (p.671). A mulher assume, então, uma atitude de aceitação, e muitas vezes, se culpa pelo comportamento violento e agressivo do parceiro.

Janaina também traz a vivência desse tipo de violência, quando vamos falar sobre a segunda gravidez, fruto de um abuso do próprio marido, Janaína demonstra grande tristeza: *“Eu não gosto de falar da gravidez do João Pedro não, Gabi. Porque não foi uma coisa que eu planejei, não foi uma coisa que eu queria. (...) Se ele tivesse sido gerado de uma outra forma, não da forma que foi gerado, também teria sido diferente.”*

Ana Paula lembra ainda de uma outra faceta da violência, bastante comum na vida das mulheres que pesquisamos “*Eu fiquei com medo, assim, porque a família dele ficava falando que não era filho dele.*”

Os fatores socioeconômicos e culturais a que as pessoas mais pobres estão submetidas, agravados pela aglomeração espacial e pela falta de esperança, como nos apontam Souto e Braga (2009), expõem ainda mais essas mulheres a uma maior vulnerabilidade social. “*Além disso, homens que vivem em condições de pobreza podem tornar-se tensos e frustrados ou sentir que fracassaram ao descumprir o papel culturalmente definido para ele, qual seja, o de responsável pelo sustento da família.*” (p. 671)

#### **4.3.1 g) A perda de um filho: “Ah, é um pedaço de você. Não tem como...”**

A perda de um filho foi um outro ponto marcante nas histórias trazidas. Elenira, Ana Paula, Teresa e Marilane carregam essa experiência. Por motivo de doença, má formação genética ou a violência na cidade grande, essas quatro mulheres tiveram que lidar com a dor dessa perda. O filho de Elenira faleceu com apenas quatro meses, logo após mamar, teve um “*mal súbito*”. Quando tentaram socorrer, não dava mais tempo. A filha de Ana Paula teve aneurisma cerebral com três anos, e também não resistiu. Marilane se sente culpada pela morte da filha logo após o nascimento, pois fica a suspeita de ter sido consequência das inúmeras tentativas de interrupção da gravidez. Já Teresa perdeu o filho mais velho por causa da violência presente na nossa cidade, que estampa os jornais e noticiários de TV diariamente, comprovado estatisticamente pela morte prematura, por causas externas, de homens, negros, de 18 a 24 anos, moradores de favelas. Exatamente o perfil de Johny.

Uma das filhas de Ana Paula faleceu com 3 anos de idade, de aneurisma cerebral. “*Tipo assim, deu um choque na minha mente. Não consigo lembrar de lembranças nenhuma da minha filha. Só choro, sofro. Não consigo lembrar dela quando era bebê, nem das palavrinhas dela. Não consigo lembrar.*” Quando começa a me contar sobre o dia em que a criança passou mal, relata: “*Um belo dia...*” Rapidamente se conserta. “*Belo nada, um horror dia...*” E continua a história. Já se passaram alguns anos da perda da filha, e Ana Paula diz como se sente hoje. “*Uma saudade, né? Mas só que às vezes eu prefiro esquecer. Porque parece que não aconteceu nada, entendeu? (...) Preferia passar o que eu estou passando, mas com eles tudo junto.*” A perda da filha de forma inesperada trouxe uma mudança clara no

comportamento de Ana com as outras crianças. *“Eu tenho que sair correndo porque eu acho que eles mataram minha outra filha. Eu vivo assim (...) Ah, eu tenho medo dos meus filhos morrer. Eu não agüento mais outra não...”* E nem durante o sono ela consegue ter tranqüilidade, desde que perdeu a filha. *“Eu fico acordando as crianças. Eu acordo as crianças pra saber se eles estão bem.”*

Não podemos afirmar necessariamente que se os filhos de Elenira e Ana Paula tivessem sido atendidos com maior agilidade haveria reversibilidade do quadro, mas assim como nos casos de Marilane e Teresa, todas essas mortes, são de algum amaneira, atravessadas pela questão social.

#### **4.3.1 h) O que é a maternidade? - Inseguranças e Contradições: “Ser mãe dói”**

Oliveira (2010) traz a discussão acerca da “opção” pela maternidade em condições tão adversas, que pode ser compreendida, em alguns casos, pela tentativa de criar uma estrutura familiar estável, diferente da que teve, muitas vezes marcada por experiências conflituosas. O desejo da união conjugal e da maternidade, para algumas meninas, pode ser entendido *“como destino e continuidade do processo de tornar-se mulher (...) a transição para a vida adulta parece estar mais próxima dos modelos das famílias de origem.”* (p. 69).

Ana Paula tem cinco filhos, e aponta as inseguranças e contradições que a maternidade traz. *“Será que é certo o que eu estou fazendo com a minha filha? Às vezes no sistema nervoso eu fico falando, renegando ela.”* Quando ocorrem essas explosões, imediatamente vem a culpa. *“Aí depois eu vou lá, peço perdão, beijo e eles me perdoam.”* Ao longo da nossa conversa, Ana Paula repete várias vezes que não se considera uma boa mãe. Quando pergunto se ela sabe definir o que significa, na prática ser uma boa mãe, ela responde. *“É ter paciência pra conversar com teu filho. E eu não tenho um pingão de paciência. Eu não sei se é por causa da vida que eu tô levando. É muita... Às vezes eu tenho muita raiva deles.”*

Em alguns momentos de descontração, Ana Paula conseguiu flexibilizar toda a sua rigidez consigo própria ao se considerar uma péssima mãe e deixou aparecer momentos de alegria dividido com os filhos. *“Eles são muito agarrados comigo. Eles ri de tudo o que eu faço, eu sou muito brincalhona com eles, entendeu? Fica tudo cheio de criança no meu portão. Tem que ver, é a maior farrã.”* Mas logo retorna para seu relato de auto-punição, de desqualificação de si própria e da forma que exerce a maternidade. *“Não adianta eu dizer pra você que eu sou uma mãe santinha, que é mentira. Eu xingo o*

*dia inteiro: 'Filha da puta, sai da rua, vão te meter a porrada aí.' (...) Porque eu não sou uma boa mãe."*

Elenira relaciona sua felicidade aos filhos, e faz uma declaração cheia de contradições, como a própria maternidade. *"Sou feliz. Porque eu tenho meus filhos. Não são fáceis, são difíceis, são levados, mas são meus filhos. Não é muito bom, mas eu tenho eles do meu lado."* E resume a maternidade: *"Ser mãe é muito sofrido. Muito sofrido."*

Maria Regina também conclui: *"Eu acho que eu podia ser mais feliz. Se não tivesse tantos filhos. Eu seria mais liberada, teria mais tempo pra fazer outras coisas."*

Marilane e Janaína falam sobre a solidão presente no desempenho da função materna. Marilane desabafa: *"Tem que ser eu mesma a correr atrás. Eu mesma, sozinha. (...) Tem que correr atrás de tudo."* Já Janaína lembra da última passagem pela maternidade, quando foi ter a terceira filha, momento de muita solidão e angústia. *"Porque, pôxa, todo mundo lá, com os pais dos seus filhos, só eu... Gabriela, pra tu ter uma idéia, eu fiquei sozinha. Os três dias que eu passei na maternidade, ninguém foi me ver. (...) Todo mundo dormia e as minhas lágrimas descendo. Todo mundo lá com suas famílias, eu lá, sozinha."*

Pâmela tem dificuldade em declarar o que é ser mãe. *"Sei lá, tia. Normal. Nem parece muito. Ela fica mais com a minha mãe."* Embutido nesse discurso, vem logo uma reclamação. *"É, minha mãe nem deixa eu sair com ela (a filha). Fica de graça. Parece mais meu irmão (irmã)."* Se Pâmela encontrou dificuldade para definir a maternidade, rapidamente descreveu o amor que sente pela filha. *"Proteger, querer sempre o bem."*

Janaína demonstra o amadurecimento que vem com a experiência de ser mãe. *"Sabe... Apesar das dificuldades que a gente passa, ser mãe pra mim foi a melhor coisa, porque eu amadureci muito. Eu aprendi a lidar com as dificuldades, com as barreiras da vida, com as privações. (...) Acho que foi a melhor coisa que Deus pode ter me dado."*

Ana Paula, muito emocionada, define, a seu modo, a maternidade. *"Ser mãe? É dar muito amor, carinho pras crianças, né? (Chorando)."*

Para definir a maternidade, Maria das Graças faz uma comparação: *"Eu tento ser tudo o que minha mãe não foi pra mim."* E a seguir, complementa: *"(Risos) A Maria mãe é brigona. (...) Eu me defino uma onça, pra defender seus filhos. Como uma leoa tentando proteger seus pequeninos."*

Para Márcia, Josiane, Luciana e Marilane, ser mãe é *"tudo"*. Márcia continua sua reflexão. *"Um sorriso dele (filho) vale a pena tudo. (Risos) Eu sou feliz por ser mãe."* Josiane complementa: *"Ser mãe é isso, é não abrir mão dos filhos, não agredir, sempre estar conversando."* E Luciana vai além: *"Ser mãe é dar a vida pelo seu filho. (...) Eu*

*acho que ser mãe é o melhor sentimento do mundo. Porque dá uma coisa no seu peito, dói.”*

#### **4.3.2 Aparente passividade frente à vida: “Foi se passando os anos, eu tendo filho, eu tendo filho...”**

Ao longo das entrevistas, a questão da passividade dessas mulheres chamava a minha atenção a todo momento. Ou será que podemos entendê-la como uma falta de horizonte e de perspectiva por uma vida diferente? O fato é que tanto nas relações de conjugalidade quanto nas vivências da maternidade, o que mais aparecia era uma total falta de empoderamento das escolhas e decisões que a vida foi impondo.

A gravidez acontecia, e o casamento ou o "morar junto" também. Na fala dessas mulheres parece que os acontecimentos da vida são exteriores a elas. Como já nos apontava Salem (1981), as condições miseráveis vivenciadas por todas elas e a pequena margem de controle que essas mulheres afirmam ter sobre sua existência, faz com que elas se sintam vivendo em um “cativeiro”, como objeto da vontade dos outros, impossibilitadas de agir livremente. Esse posicionamento caracteriza uma falta de condições de uma sobrevivência independente, agravado pelo estado de apatia e o sentimento de total falta de controle sobre seu destino. Sawaia (1996) afirma que a imagem mais adequada para caracterizar essas existências é a da prisão, cujas grades são as relações que compõem o cotidiano das pessoas que a representam. Com isso, elas não conseguem se responsabilizar nem assumir posturas e posicionamentos. Caracteriza-se assim, uma ideologia da abnegação e do despojamento da própria vida em prol dos outros, o que acaba gerando uma grande pobreza em suas vivências.

Nesse sentido, Carolina resume suas 8 gravidezes: *“Foi passando o tempo, foi passando, foi passando... Nisso, eu engravidava.”*

Essa passividade pode ser vista na fala de Elenira ao contar sobre a gravidez de dois dos seus filhos: *“Eu não queria engravidar não, pensei até em tirar. Engravidei com três meses que conhecia o João. Foi jogo rápido, mas eu me arrependo (...) O outro filho veio de um namorico. Eu não queria engravidar. Mas quando falei pra ele que tava grávida, aí ele falou pra deixar.”* Aparece também na justificativa para a vinda dos outros filhos. *“Eu tomava remédio e me deu muita dor de estômago, aí tive que parar o remédio, e engravidei. E toda vez era assim.”*

Denise Lucia admite que não tomava nenhuma precaução, mas achava que não ia engravidar, e hoje já está no quinto filho. *“Eu não tomava nada, mas achava que não ia ficar grávida. Veio sem querer. Aconteceu.”*

De acordo com Zamora (2008), essa mulher ocupa um estado de tristeza passiva, que a impede de caminhar, agir, sair da inércia, ou até mesmo se perceber como tal. Sua auto-imagem é construída e apoiada na fragilidade, na passividade e na impotência.

Parece que Elenira só se deu conta de suas escolhas após já estar com sete filhos. *“Sei lá... sete (filhos) é muita dor de cabeça. Mas agora é tarde. Se fosse pra engravidar agora, eu não teria nenhum. Porque a barra é pesada.”*

Denise Lucia também demonstra apatia em sua fala: *“Camisinha eu não uso porque machuca, nem eu nem ele gostamos. Eu tomava pílula, mas quando acabava eu ficava com preguiça de ir buscar no posto.”*

Teresa afirma que dos dez filhos que teve, somente o primeiro foi planejado. *“Só o primeiro que eu queria, os outros não. Mas quando ia ver, já tava grávida de novo.”*

Durante nossa conversa, a fala de Maria Regina retrata bem isso. Ao se referir sobre a época em que engravidou, afirma: *“Eu não tinha muito o que fazer, eu não fazia nada. Eu morava com meus pais. Não estudava nem trabalhava, não fazia nada.”*

Apesar de tanta necessidade, a família de Ana Paula e Paulão não recebe Bolsa Família, até para sair da inércia e tirar um documento, é necessário um investimento emocional que muitas vezes Ana Paula não consegue ter. *“Meu CPF tinham roubado e eu não sabia mais o que fazer, aí fiquei só adiando, adiando. E acabou que eu não fiz, fiz só aquele dia (em que nos encontramos no CRAS)<sup>62</sup>. Eu precisei de R\$5,50 pra mim tirar, porque eu não tinha mesmo.”*

Marilane afirma que só queria o primeiro filho, as outras sete gravidezes simplesmente “vieram”. *“Ah, porque já que veio, né? Eu ia fazer o que? Eu ia tirar?”*

Se Marilane, Maria Regina, Denise Lucia, Teresa e Elenira demonstram essa passividade relacionada à maternidade e ao grande número de filhos, na fala de Ana Paula aparece uma dificuldade até mesmo para realizar o cadastramento para receber benefício do Governo. Já Josiane e Carolina deixam aparecer como essa passividade interfere no relacionamento com seus parceiros.

Josiane relata que sempre apanhou do marido e nunca denunciou. *“Mas por eu gostar dele, eu aceitava aquilo.”*

### **4.3.3 Desigualdade de gênero / Violência doméstica / Uso abusivo de álcool e outras drogas: “Eu só tinha relação com ele porque era obrigada.”**

---

<sup>62</sup> Centro de Referência da Assistência Social.

Já vimos no texto, que assim como as mulheres estudadas por Salem (1981), nossas mulheres também sofrem uma dupla determinação de opressão e subordinação, de classe e gênero. Como já nos apontava Bourdieu (1999), o mundo é descrito a partir de uma perspectiva masculina, e ainda não existe a equivalência entre os gêneros. Muitas vezes, pela dificuldade encontrada em dominar o universo extradoméstico, a mulher da classe pobre fica dependendo financeiramente desse homem e se acomodando à vida doméstica. Elenira,

Marilane, Édila, Marcia, Ana Paula, Luciana e Josiane não trabalham fora, Denise Lucia foi mandada embora do trabalho ao engravidar; Teresa trabalha como diarista duas vezes por semana; Maria Regina trabalha num salão como manicure nos finais de semana e feriados; Carolina trabalha como empregada doméstica; Pâmela é trocadora de van; Janaína está em experiência num restaurante e Maria das Graças trabalha fazendo unha. Das seis mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho, somente Janaína tem a promessa de se passar pelo período de experiência terá sua carteira de trabalho assinada. Todas as outras cinco, trabalham sem nenhuma forma de registro ou vínculo. Cada vez que o mercado de trabalho nega a inserção dessa mulher, leva-a de volta ao lar, reiterando a demarcação da fronteira entre masculino e feminino e reforçando o enclausuramento e o isolamento social da mulher favelada, como já nos indicava Salem (1981). Bruschini (2008) aponta que *“apesar de todos os avanços, as velhas questões de desigualdade salarial e preconceito continuam muito atuais (...) as mulheres ganham menos que os homens em todas as atividades e em todos os setores.”* (p.08).

Esse isolamento a que a mulher fica submetida, muitas vezes acaba sendo responsável pela manutenção de alguns casamentos, mesmo que para isso, o preço seja alto demais. *“Quando ele chega bêbado, dá vontade de eu largar tudo e sair fora. Mas eu olho pra trás e penso: e as crianças? Eles não pediram pra vir pro mundo, então tenho que ver o lado deles.”* Elenira coloca a responsabilidade na subsistência das crianças para manter uma relação tão custosa, mas logo também se diz agradecida pelo que João lhe proporciona. *“Tem horas que me dá vontade de colocar ele pra fora, mas aí eu penso no que ele me deu e me dá.”*

Souto e Braga (2009) afirmam que as mulheres justificam a permanência nessas relações violentas, por medo e aprisionamento. *“O medo aparece como um modo de intimidá-las, de oprimi-las, e controlá-las. Parece contribuir para silenciarem o problema da violência conjugal. A relação violenta é também mantida, invisibilizada e silenciada por esses sentimentos (...)”* (p. 672). Com o tempo, o medo e o aprisionamento, levam ao isolamento, limitando possibilidades de ajuda, e tornando a mulher cada vez mais dependente do agressor. *“O medo da violência também alimenta o da repressão da liberdade.”* (p. 672).

Marilane relata, sem nenhum questionamento, que o marido a tirou do trabalho para poderem morar juntos. Já estão casados há 17 anos, e Marilane nunca mais trabalhou fora. Quando pergunto se ela aceitou essa imposição numa boa, demonstra que esse assunto não é uma questão para ela. Num outro momento da nossa conversa, traz em seu relato, mais uma vez, como a desigualdade de gênero está presente em sua casa. *“Porque tudo sou eu, porque apesar de não trabalhar fora, trabalho o dobro. Reunião sou eu, escola sou eu, médico sou eu. Tudo seu. O pai só arca com a responsabilidade dentro de casa, o resto sou eu. (Risos).”*

Salem (1981) traz um ponto importante ao abordar a relação entre a vivência com o marido e a reprodução das relações vivenciadas até então. Elenira se surpreende ao perceber a semelhança entre sua vida e a de sua mãe. Ambas se casaram com um alcoólatra e sofrem constante violência doméstica. *“Eu nunca pensei que eu ia passar a mesma coisa que minha mãe passou com meus irmãos. A mesma coisa que eu passo com o João Pedro, minha mãe passava. Meu pai é alcoólatra, bate nela. (...) Eu pensava: será que as coisas que a minha passava eu também vou passar? Dito e feito.”* Tem ainda a necessidade de justificar sua escolha, amenizando as atitudes do marido. *“O meu pai bate na minha mãe pra todo mundo ver. O João não, só me bate dentro de casa.”* Elenira traz em sua história um fator agravante. Passou a vida testemunhando atos de violência entre seus pais, o que aumentaria sua tolerância à violência de parceiros ao longo da vida (Menezes et alli, 2003).

Salem (1981) enfatiza ainda que a relação homem/mulher nas classes mais pobres, mais parece tutelar/tutelado. Até mesmo o corpo dessa mulher passa a ser propriedade do marido, e as relações sexuais uma obrigação da vida de casada, como podemos observar nos relatos de Teresa, Elenira, Janaína, Carolina, Ana Paula e Josiane. Dessa forma, dificilmente costumam tomar decisões de romper um casamento. A união, muitas vezes insatisfatória, assegura de algum modo, sua subsistência.

Elenira traz uma experiência de como na prática se reflete essa desigualdade de gênero. *“Depois que eu tive o segundo menino, ele começou com piranhagem com uma, piranhagem com outra. Tem três mulheres lá que têm filhos com ele, da mesma idade que os meus meninos, ao mesmo tempo. As três estavam grávidas juntas.”*

Na hora que se refere à vida sexual, Elenira relata que é ótima, a não ser que o marido tenha feito uso de álcool, mas mesmo nessas circunstâncias ela prefere se submeter às investidas de João, assim evita maiores problemas. *“É ótima, ele só é bruto quando ele bebe. Ele quer fazer à força, aí eu aceito, né?! Faço a vontade dele, fico quieta. Pra evitar problema dentro de casa. Nesse dia não é muito bom não.”*

Mesmo com todo o comportamento submisso, Elenira ainda ouve o marido duvidar da paternidade de seus filhos. *“Ele fala que as crianças são filhos dos outros, não são*

*filhos dele. (...) Passamos problemas difíceis dentro de casa, de faltar as coisas, mas eu nunca cheguei ao ponto de trair ele.”*

De forma semelhante, Teresa relata sua história. *“Ele nunca aceitou evitar filho. E também não registrou nenhum deles. Vivia falando que as crianças não eram filhas dele. Que eu saía com outros.... Meus filhos foram registrados muito tarde por causa disso. Eu ficava esperando, tentando convencer e nada.... Acabei registrando todos só no meu nome.”*

A desigualdade de gênero também aparece na história de vida de Denise Lucia, principalmente quando o assunto é a obrigação com os filhos. *“Eu que tive que criar sozinha mesmo. Eu fiquei com a criança sozinha no mundo. Ele saiu fora.”* Tal experiência a deixou resabiada com os homens, como se namoro passasse a ser sinônimo de problema. *“Eu não tive namorado não, eu não queria me envolver com mais ninguém, pra me entristecer, eu ficar mais triste....”*

Ao refletir sobre as conseqüências de uma gravidez inesperada para um casal bem jovem, Maria Regina aponta: *“Eu que saí perdendo. Porque a responsabilidade acaba sendo mais da mãe. Ele é financeiramente, a gente é todo o nosso psicológico.”* Maria Regina mudou de cidade, mudou de marido, mas sua concepção sobre a desigualdade de gênero e o papel da maternidade / paternidade, continua a mesma. *“E como eu sabia que a responsabilidade das crianças era minha, eu não queria mais. A responsabilidade já era grande demais.”* Como culturalmente as mulheres tomaram para si esse lugar e muitas vezes desempenham esse papel sem questionamentos, observamos algumas distorções sobre o que é ser pai, e qual o lugar do homem nessa história. Maria Regina, ao longo da entrevista, elogiou algumas vezes a postura de Carlos. *“Porque ele sempre foi um pai muito presente. A gente pode não ter dado certo, mas como pai... Não tenho o que reclamar.”* No entanto, quando pergunto se Carlos dá pensão alimentícia para os filhos, ela fala sem titubear: *“Não, só quando ele quer. Eu cobro, mas é uma briga toda vez que eu preciso.”*

Luciana, ao me contar que havia sido traída pelo ex-marido, questiona: *“Qual o homem que não trai? Mas ele podia arrumar coisa melhor, pôxa, uma mulher com três filhos.”* Pergunto se ela realmente acredita que não é possível um homem que não traia. Luciana volta atrás, mas continua dando seu recado. *“Acho que o que ama verdadeiramente não trai não. Porque o que ele vai pegar na rua, ele já tem em casa. E limpinho, saudável. E vai pegar na rua, pode pegar uma doença..”*

Denise Lucia parece concordar com os argumentos de Luciana e com a desconfiança em relação aos homens. *“Traziam problema, né?! Assim como o primeiro fez, os outros também podiam fazer. Eu fiquei com medo de homem. Já pensou, eu engravidar de novo...”*

Um outro ponto que merece destaque na análise das entrevistas é a forte presença da violência doméstica nas classes mais baixas. Dentre as quatorze mulheres entrevistadas, nove (Elenira, Teresa, Maria Regina, Carolina, Janaína, Ana Paula, Maria das Graças, Josiane e Luciana) já foram vítimas de alguma forma de violência física e por consequência, psicológica, por parte dos parceiros. Podemos observar também, que muitas vezes, a violência é aceita como fenômeno cultural, e ainda, como salienta Menezes et alli (2003), como forma de ação disciplinar exercida sobre as esposas. O resultado disso é que ocorre uma sub-notificação desses casos de violência. Nem Elenira, Teresa, Janaína, Josiane e Luciana deram queixa sobre as frequentes agressões físicas que sofreram. Carolina e Ana Paula precisaram viver durante muitos anos vítimas da violência dos maridos, até conseguirem tomar tal atitude. No caso de Maria das Graças, como a briga foi em público e terminou com ela própria dando uma facada no marido, ambos foram levados para a delegacia. Somente Maria Regina conseguiu prestar queixa após a primeira agressão. Os autores acima citados concluíram que os fatores mais fortemente associados à violência doméstica são consumo de álcool pelo parceiro, ausência de trabalho remunerado do parceiro, baixa escolaridade e história familiar de violência da mulher. A baixa escolaridade *"pode determinar dificuldades na relação interpessoal entre homens e mulheres e interferir na resolução de problemas cotidianos, gerando violência."* (Menezes et alli, 2003, p. 314). Quando a baixa escolaridade está relacionada à dificuldade de qualificação profissional do parceiro, os autores apontam que a incapacidade de condições mínimas de sobrevivência motivadas por salários inapropriados ou por desemprego, estabelece tensão, frustração e agressão, e pela diferença da força física, a mulher sofre as maiores consequências. O álcool entraria então como um fator que contribui para a conduta violenta, já que acentua o desequilíbrio de controle e poder exercidos pelo parceiro, conforme podemos ver nos episódios contados por várias de nossas mulheres, como veremos a seguir.

Maria Regina nos conta: *"Essa foi a primeira vez que ele veio pra cima de mim, prendeu meu braço na porta, me segurou e me machucou. Pegou uma faca, saiu correndo. Foi uma loucura. Aí no outro dia eu fui até à delegacia."* Logo no primeiro episódio de violência física, Maria Regina conseguiu tomar providências, ao contrário de várias outras mulheres. *"No dia seguinte fui na DEAM<sup>63</sup> de Campo Grande, prestei queixa dele. E ele não acreditava nas minhas atitudes. Ele ficou muito surpreso quando o delegado ligou pra ele."* Apesar da iniciativa de procurar a DEAM, Maria Regina considera que só foi positivo, porque Carlos percebeu *"do que ela era capaz"*, mas na

---

<sup>63</sup> Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM).

prática, “o processo não deu em nada.” O que possibilitou sucessivas ameaças de Carlos: “Se você for pra delegacia, quando você voltar.....”

Durante todo o seu relato, o que se faz mais presente é a violência a que Carolina é submetida no dia a dia, sem trégua. “Aí ele não deixou mais eu sair pra canto nenhum. Ele tinha arma em casa. Ele começou a me bater, em mim e na minha irmã.” Carolina continuou sendo mantida isolada do mundo por Fabiano. “Não deixava eu falar com ninguém.” Apesar de todo o sofrimento que passava, ainda foi fortemente julgada pela própria família. “Ah, ela tá com ele, então ela é pior do que ele.” Com o afastamento da família, somente o pai ainda se manteve presente. “Só que ninguém sabe o que se passa dentro de uma casa”, aponta Carolina francamente chateada com o posicionamento que seus parentes preferiram tomar. E dá prosseguimento a sua história. “Teve uma época, em que eu acordava e via ele fazendo sexo com minha irmã. Teve uma vez que eu acordei e vi ele fazendo sexo oral com ela.”

Ainda hoje Carolina diz se lembrar das “maldições de Fabiano. Se você for embora, ninguém vai te querer. (...) O Juiz não vai te dar a guarda dos filhos.”, e isso a deixa insegura e com medo de enfrentar a nova vida. “Eu ando com um medo dentro de mim, que eu pra mim eu não consigo nada.”

Os episódios de traição também foram frequentes. “Durante esse tempo ele me traiu muito, ele me traiu com a ex-mulher dele, ele me traiu com a mulher do irmão dele. Teve uma época que a minha vida tava tão triste, que eu pedi a Deus pra ele morrer, pra eu poder viver. Eu só ficava trancada em casa, eu pesava 40/41 quilos, de tão triste que eu ficava. Eu encontrei ele em cima da cama junto com ela (a cunhada).” No meio do seu relato, faz uma constatação: “Eu só sei que ele me traiu a vida toda, ele me traiu a vida toda, toda, toda...”

Da traição com a irmã de Carolina, nasceu uma menina, que hoje está com 17 anos. “Foi criada junto comigo. Criei ela com todo amor.” Por ironia do destino, Carolina e sua irmã ficaram grávidas ao mesmo tempo, e tiveram filhos juntas, uma num dia, outra no outro, na mesma maternidade. “Saímos do hospital, ele com os dois filhos. As médicas não entendiam quem era marido de quem. Ele ia visitar ela e depois ia visitar meu filho.”

Fabiano registrou todos os filhos, inclusive o que teve com a cunhada.

Na história de seu primeiro casamento, Janaína também traz o sofrimento oriundo da violência. “João Pedro foi gerado de um abuso. Aí ele falou que se eu saísse de dentro de casa ele me mataria e mataria a Karina também.” Conta sobre o episódio do abuso: “Ele já chegou à força, porque ele já sabia que eu não queria mais nada com ele. Aí chegou meio chapado assim, aí me pegou à força. Aí... Já era.”

Ana Paula já vive com Paulão há 16 anos, e muitos foram os episódios de violência vividos pelo casal. “É muita responsabilidade que sobra na minha cabeça. O meu

*marido é dependente de droga, ele fuma maconha, não tá mais usando cocaína.*” Sabe dizer os reflexos que isso traz para sua vida. *“Minha mente tá muito doente. Eu preciso de ajuda, Gabriela. (Chorando).”* Percebe que o marido não tem forças para largar as drogas, mas ao mesmo tempo, Ana Paula não consegue vislumbrar a possibilidade de viver longe dele. *“E ele também não pode sair de casa, porque, como é que a gente vai sobreviver?”* Lembra alguns momentos dolorosos que passou ao lado de Paulão. *“Ele já me bateu muito. Quantas vezes, eu grávida, ele dava siri pra mim comer.”* Depois de muito sofrimento, Ana Paula finalmente conseguiu tomar a iniciativa de denunciar o marido. Isso trouxe transformações claras na relação do casal. *“Depois que eu dei parte dele na delegacia, ele mudou. Ele tem medo, entendeu?”* Ela mesma reflete sobre isso. *“Tem dois anos que ele não me bate. É a Lei Maria da Penha. (Risos). (...) O oficial de justiça foi lá em casa, falou com ele. (...) Não me bate mais não, ele ri e tudo: ‘Que mané Maria da Penha... Eu pego Maria da Penha, você e todo mundo.’ (Risos). Mas não encosta.”*

Maria das Graças também traz episódios de violência em seu relato. *“Ele (o marido) começou a me sacanear. (...) E aí saímos na porrada e tudo mais.”* Conta o desentendimento que culminou com a separação do casal. *“Eu tinha encontrado ele no bar bebendo com uma mulher. A mulher tava quase no colo dele, aí eu parti pra cima dos dois. Aí eu passei a mão num facão, ele tinha me dado um soco e eu meti o facão nele. Pegou na cabeça, ele tomou 17 pontos. Mas está vivo. E aí fomos parar na delegacia, todos os dois.”*

Josiane conta que seu segundo marido lhe batia muito e tentou abusar sexualmente da enteada, na época com 8 anos. *“Ela falou que tava dormindo, ele levantou o lençol, e na hora que ele ia abaixando a roupa dela, ela se assustou e acordou. Se ela falasse alguma coisa comigo ele ia me matar e ela não ia me ver mais. Aí ela veio me falar isso aqui. Quando os ‘meninos’<sup>64</sup> foram lá conversar com ela.”*

Durante a gravidez do terceiro filho, Josiane também foi espancada pelo marido. *“Tive ela com seis meses, porque ele me deu uma surra porque eu tava grávida. Ela ficou internada cinco meses na UTI, lá no (hospital) Leila Diniz. Ele me deu uma surra porque eu peguei ele com outra pessoa.”* Na gravidez do quarto filho, a história se repetiu. *“Ele me espancou na hora que soube da gravidez, porque a minha menstruação tava atrasada, e eu fiz o teste no Posto e a moça falou que era mioma. Quando eu fiz a ultrassom, deu que eu tava grávida de seis meses já.”* Ao falar sobre o relacionamento dos dois, afirma que a violência sempre esteve presente, até nas relações sexuais.

---

<sup>64</sup> Todas as vezes em que Josiane precisa fazer referência à milícia em seus relatos, chama-os metaforicamente de “meninos”.

*“Quando ele queria alguma coisa comigo, ele amarrava meus braços e botava arma na minha cabeça.”* Pergunto se as crianças presenciavam toda essa violência. *“As crianças viam. Tanto que quando o Cleberson ia pra creche lá em Rio das Pedras, ele chegava e contava pra diretora.”* Ao fazer uma retrospectiva de sua vida, Josiane conclui que está melhor desde que ele sumiu. *“Pelo menos agora eu durmo em paz, acordo em paz. Não acordo mais com arma embaixo do travesseiro, não apanho mais. Meus filhos também não precisam mais ficar me vendo apanhando, de manhã, de tarde e de noite.”* Quando pergunto novamente porque se submeteu a tanta opressão durante tanto tempo, Josiane relata: *“Por medo dele fazer alguma coisa com os meus filhos. Ele falava pra mim que seu eu contasse pra alguém, ele ia matar meus filhos.”*

Luciana também viveu com o primeiro marido algumas situações de violência. *“Olha, ele tentou (bater). Mas ele viu que se ele me batesse, ele ia apanhar dobrado. Eu não tenho medo de homem.”*

No relato de Teresa também podemos perceber várias facetas da violência e da desigualdade de gênero. *“Sofri muito com ele, que já era envolvido com drogas e eu não sabia, só fui saber quando ele foi preso. Durante todo o tempo que ficamos juntos, ele foi pra cadeia e saiu várias vezes. Mesmo quando não estava preso, não assumia nada comigo. Nunca foi meu marido. Sempre teve outras mulheres. (...) Alguns dos meus filhos foram feitos na prisão. Era horrível, ele me obrigava a transar quase na frente dos outros, botava só um pano pra dividir.”* Se Teresa era submetida à violência nos momentos em que o marido encontrava-se na prisão, tais atitudes se mantinham quando ele estava em casa, com um agravante, a presença dos filhos. *“Ele bebia muito e se drogava também, me batia, xingava, botava medo nas crianças. (...) Eu tinha que transar à força. Quando ele estava drogado era muito ruim, com violência, com força. E eu nem reagia, sempre fazia o que ele queria. Mas mesmo assim era com brutalidade.”*

Uma das facetas da desigualdade de gênero que ficou muito presente nos relatos das mulheres entrevistadas foi a traição por parte do marido. Elenira, Luciana, Carolina, Marcia, Josiane, Édila, Denise Lucia e Teresa passaram por esta situação. Algumas se submeteram a essa experiência durante anos, outras ainda se submetem, todas, sem exceção, falaram da dificuldade em colocar um ponto final na relação mesmo com todo o sofrimento oriundo da traição conjugal.

Aquino (2009), ao refletir a respeito da posição que a mulher ocupa no campo das relações, seja no trabalho, no lar, bem como seu papel na procriação e enquanto sujeito de vontades, a naturalidade que é dada à ordem social vela e oprime a mulher, colocando-a insistentemente no lugar da submissão. Além disso, não há novidade no discurso de que as mulheres que sofrem de violência das mais diversas maneiras são rotuladas e estigmatizadas. O entendimento discriminador é que estar nestas condições é uma

escolha pessoal, que se caso assim a mulher o desejasse poderia deixar de sofrer nas “mãos” do seu agressor. Certas expressões pejorativas como: “*apanha porque quer*” demonstra o “*machismo*” e a indiferença que se dá à violência doméstica. Nas palavras de Bourdieu:

*Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (1999, pp. 7/8).*

A dominação masculina é vista como um habitus aceito por todos os integrantes do campo social como algo natural, inclusive a mulher acaba reconhecendo essa superioridade, mas a entende como normal. Essa visão de normalidade que se organiza nas diferenças de gênero, masculino e feminino, instituindo o que cabe ao homem e aquilo que pertence à mulher, faz com que os dominados compactuem com essa sutil violência.

A história de Josiane trouxe à tona para nossa reflexão um tema bastante delicado, o abuso sexual infantil. Seu marido “tentou” abusar sexualmente da enteada, então com 8 anos. Casos como esse, muitas vezes permanecem velados no muro de silêncio que envolve toda a família, trazendo como consequência uma grande sub-notificação desse tipo de violência. Daí a necessidade de se apontar uma maior efetividade de políticas públicas, tanto no que diz respeito a campanhas para a população, quanto capacitações para profissionais que lidam cotidianamente com crianças, sejam nos dispositivos de Educação, da Saúde, Assistência Social ou Esporte e Lazer.

Observa-se que as condições sociais que reproduzem essas tendências fazem com que os dominados adotem o ponto de vista dos dominantes. Soares (1999) ressalta que a dominação só se perpetua através dessa cumplicidade e que as mulheres acabam sendo excluídas do sistema social. Mas também são reprodutores dessas exclusões sociais a própria família, a escola, a igreja, na divisão do trabalho, nas disposições ditas femininas e masculinas.

Além disso, culturalmente fomos instruídos a pensar que aquilo que acontece entre as quatro paredes do ambiente familiar não diz respeito à polícia, à justiça, aos vizinhos ou até mesmo a outros familiares. Muitas vezes acabamos naturalizando o ditado

“em briga de marido e mulher não se mete a colher”, sem nos dar conta que com essa postura estamos alimentando grandes barbáries que acontecem na vida privada.<sup>65</sup>

A violência doméstica, que somente na última década passou a ser problematizada, começou a destacar-se entre os temas sociais de maior relevância, ampliando-se de tal maneira que já não se admite a prática de atitudes que até pouco tempo eram aceitas e toleradas pela sociedade.

*O lar, o casal e a família deixam de funcionar como mônadas impenetráveis, como núcleos decisórios, auto-referidos e possuidores de direitos próprios, para se desmembrarem em novas unidades socialmente significativas (...) Mulheres, homens, crianças, idosos; pais, filhos, netos, avós, empregados, e no limite, até os animais da casa terão seus ‘direitos’ garantidos por uma lógica universalizante, que não se confunde com a lógica ou lógicas (muitas vezes obscuras e tirânicas) que regem os arranjos e dinâmicas familiares. Portanto, o mundo privado deixa de ser um assunto de interesse apenas dos integrantes da família, cabendo ao Estado interferir quando atos de violência são praticados. (Soares, 1999, p. 39).*

O problema da violência, observado a partir das diferenças de gênero, já que a mulher é vítima majoritária de excessos praticados pelo sexo masculino, atravessa todas as dimensões da experiência feminina.

#### **4.3.4 Vida de Migrante e a Rede Social com a Família: “Você precisa sustentar as crianças, aqui não tem emprego, por que não vai pro Rio de Janeiro?”**

Salem (1981) salienta em seu estudo os saldos positivos advindos da migração, geralmente das regiões do Norte e Nordeste de nosso país para as regiões Sul e Sudeste. Dentre as quatorze mulheres entrevistadas, cinco são imigrantes das regiões Norte/ Nordeste do Brasil. Elenira veio do Ceará; Maria Regina de Recife; Maria das Graças é da Bahia; Josiane de João Pessoa e Marilane veio de Maceió. Todas elas buscavam oportunidades de progresso na Cidade Maravilhosa. Três delas relataram a separação dos filhos como uma necessidade que a vida lhes impôs. As pesquisas indicam que a mulher que migra encontra um contexto de mais sofrimento que o homem, principalmente pela ruptura da relação com os filhos que ficaram, como se ficasse uma ferida aberta da separação forçada. Silva (2002) relata que o migrante passa por uma busca incessante por fixação, já que sofre a alienação e deixa de reconhecer espaços

---

<sup>65</sup>No momento da confecção desta pesquisa, foi noticiado pelos telejornais o episódio de um homem que matou com nove tiros a ex-mulher, no salão de cabeleireiro onde trabalhava. A vítima já havia registrado seis queixas na delegacia.

públicos como seus, evidenciando uma crise na própria concepção de cidade, pois *“rompe com os laços de tempo e de espaço com sua terra de origem, e não possui laços em sua terra de destino, desta forma não se encontra em lugar nenhum.”* (s/p.). Assim, o rompimento dos laços familiares, e a imposição de uma vida nômade, empobrecem sua vida social. *“O migrante sofre constantemente uma relação de opressão (...) Tem-se uma expropriação de sua vida pessoal, é arrancado de suas reações sociais, de seu meio social, de suas cumplicidades, de seu território.”* (s/p.).

Para vir para o Rio de Janeiro, Maria Regina precisou deixar seus dois filhos mais velhos, com os avós maternos, em Recife. “Um ano depois eu mandei buscar, porque minha filha chorava muito. E eu aqui também. Aí eu não agüentei, era um desespero todo dia.” Da mesma forma, Elenira também precisou deixar seu filho mais velho no Ceará com a avó, mas o desfecho da história foi diferente. Durante nossa conversa, Elenira demonstra muita tristeza ao lembrar que o filho não lhe chama de mãe e *“joga na sua cara que mãe é quem cria, e que sua mãe é a avó.”* Apesar dos vários convites de Elenira, o filho mais velho, hoje com 14 anos, sempre se recusou a vir para o Rio de Janeiro.

Édila foi morar em Minas Gerais com a família do marido, e com a separação do casal, voltou para o Rio, mas sem os filhos, que a essa altura já eram dois. *“Aí eu vim embora e deixei eles lá. Ficaram com a avó, com a mãe dele. É uma fase triste, né? E eu aprendi que tudo o que é muito triste a gente tem que deixar pra trás e renovar a vida.”*

Elenira, apesar de histórias de precárias condições de existência devido à carência material a níveis insuportáveis durante sua vida no Norte, demonstra o desejo de voltar “pra terrinha”. A violência da cidade grande é um dos pontos que motivam sua volta, além da saudade da família de origem. “Esses dias mesmo eu chorei de saudade da minha mãe. Faz dois domingos que eu ligo pra lá e não consigo falar.” Mesmo quando mais de um membro da família migra para a mesma cidade grande, as atribulações da vida cotidiana esgarçam os laços familiares. “Eu tenho cinco irmãos que moram no Rio das Pedras, mas tem mais de ano que não vejo. Quando rola tiroteio lá e a chapa esquenta, aí eles correm aqui pra casa.” Se por causa da violência, em alguns momentos os irmãos se juntam, essa violência também tem assustado muito Elenira. *“Tem horas que eu penso até em ir embora, é muito violento. Tiraram dois meninos de casa e mataram, eles tavam roubando. Aí eu fico meio chateada, eu tenho medo, tenho filhos. Tenho vontade de voltar pro Norte, mas o João fala que não vai voltar. Já tem 12 anos que eu tô longe de pai e mãe. Meus filhos nem conhecem o Ceará, só quando passa na televisão. Aí eles falam: mãe, a tua terrinha... Se eu chegar de novo no Ceará eu fico lá, não venho mais pra cá não.”*

A vinda de Maria Regina para o Rio de Janeiro foi motivada pela sua mãe. Como havia voltado para a casa dos pais com duas crianças pequenas, após ficar viúva, já que seu marido levou um tiro durante uma briga num baile de carnaval, Maria Regina ouviu os conselhos da mãe. Aproveitou que seu pai era muito apegado a sua filha, deixou as crianças lá e veio para o Rio de Janeiro. *“Meu sonho era sair da minha cidade e conhecer outros lugares. Aí eu aproveitei.”* No entanto, a chegada à Cidade Maravilhosa, não foi tão fácil. *“Foi um desespero quando cheguei.”*

Maria das Graças veio para o Rio de Janeiro assim que se separou, estava com 18 anos e um filho de nove meses. Explica sua escolha pela Cidade Maravilhosa. *“Eu tinha a ilusão do Rio de Janeiro porque meu tio morava aqui. (...) Que aqui eu ia poder viver com meu filho, que ninguém ia me perturbar, que o pai do Pedro não ia me encontrar. Porque ele dizia que ia me matar.”* Relata como foi o trajeto da Bahia até aqui. *“Eu vim de carona. Uma certa parte eu paguei a passagem, até a rodoviária de Salvador. Aí da rodoviária de Salvador eu fui pegando ônibus até uma outra parte, aí depois não tinha mais dinheiro, aí comecei a pedir carona. (...) Até que o rapaz de uma van me deixou aqui na rodoviária. (...) Aí eu fiquei na rodoviária, não sabia pra onde ir, não sabia o endereço do meu tio nem nada. Aí eu fui procurar o Conselho Tutelar.”*

Numa cidade grande como o Rio de Janeiro, Maria das Graças reencontrou seu tio por um acaso. *“Eu fui morar em Ramos e um dia eu fui com a minha amiga no Shopping Nova América, e por incrível que pareça, meu tio era maitre de um restaurante lá. (...) Eu não podia reconhecer meu tio porque quando ele saiu de lá ele tinha 16 anos. Nessa época já estava com 30 e poucos anos. (...) Eu tinha ligado pra minha mãe, tava falando com ela no telefone. Aí eu chamava: ‘Mainha’. Aí com esse negócio de ‘mainha, mainha’; aí ele me perguntou: ‘Você é de onde? Da Bahia? Que lugar da Bahia?’ Aí eu falei e ele disse que tinha parentes lá: ‘O falecido S. Merentino.’ Aí que falei: ‘S. Merentino é meu avô.’ Aí foi assim que começou. E daí a gente começou a ter contato.”*

Josiane estava com 19 anos quando resolveu vir de João Pessoa para o Rio de Janeiro. *“Eu achava que aqui a vida ia ser melhor. Que todo mundo que vinha pra cá se dava muito bem. Aí eu acabei vindo. Mas quando eu cheguei aqui não foi o que eu esperava.”*

Todas as mulheres entrevistadas que migraram de sua terra natal para o Rio de Janeiro, demonstram ter vivenciado algumas dificuldades, que entraram em choque com as expectativas trazidas na bagagem. No entanto, com exceção de Elenira, nenhuma outra faz menção de voltar para o Norte/Nordeste.

Como visto anteriormente, a favela hoje ainda é grande receptáculo de imigrantes, ainda é lugar de acolhimento, ou seja, a favela ainda representa o lugar da esperança do

nordestino, da busca por solução. Hoje, Pedra de Guaratiba é composta por famílias que vieram principalmente do Norte e Nordeste do nosso país, em busca de melhores condições de vida e trabalho.

#### **4.3.5 Vulnerabilidade Social / Baixa Escolaridade / Precariedade da Vida Profissional / Diminuição da Sociabilidade: “Os vizinhos que me acolheram. Eu grávida, ia comer na casa deles.”**

Nos relatos das mulheres entrevistadas por Salem (1981), é evidente o discurso de que não tiveram infância, ou tiveram uma infância marcada por fome e espancamentos, grande miséria e trabalho pesado, somado ao pouco ou nenhum acesso ao estudo. Vale notar que todas deixam claro que só puderam obter essa perspectiva ao virem para o Rio de Janeiro, como se nas regiões mais pobres do nosso país, não fosse valorizado o estudo para o público feminino, e como se a falta desse não tivesse grandes interferências na vida prática. Podemos observar o mesmo entre as nossas mulheres, mesmo quase trinta anos depois, a realidade que encontramos foi a grande precariedade nos estudos. Elenira, Édila, Josiane e Marilane só estudaram até a 2<sup>a</sup> série do ensino fundamental; Maria Regina estudou até a 3<sup>a</sup> série; Denise Lúcia e Regina estudaram até a 4<sup>a</sup> série; Luciana estudou até a 7<sup>a</sup> série; Carolina, Janaína, Ana Paula, Maria das Graças estudaram até a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental. Pamela também está no último ano do ensino fundamental, mas ainda mantém seus estudos. E a única que conseguiu alcançar o ensino médio foi Márcia, e assim mesmo parou no 1<sup>o</sup> ano. “(...) a falta de expectativas em relação ao futuro e a desilusão em relação à escola como acesso a uma vida melhor afastam essas meninas da vida escolar.”, analisam Uziel e Santana (2008, p. 32). Podemos delimitar a relação entre baixa escolaridade e reprodução da pobreza e da vulnerabilidade social em que se encontram.

Catharino e Giffin (2002) também analisam a ocorrência da gravidez como uma alternativa a um processo de escolarização que não atende às reais necessidades dos jovens. *“Os adolescentes das classes populares irão questionar sobre a utilidade do saber escolar, face à realidade por eles vivida. Haverá, então, uma desfetichização do saber escolar, decorrente da constatação de sua inocuidade como critério de empregabilidade, o que acaba por gerar a recusa à escola.”* (s/p.).

Nesse sentido, Barroso e Vilhena (2005) ressaltam que a proliferação de trabalhos precarizados são prioritariamente destinados às mulheres, o que configura numa divisão sexual do trabalho. *“Grande parte do contingente feminino inserido na produção distingue-se por tarefas repetitivas e de execução, ausência de conteúdo*

*intelectual, baixa escolaridade, baixa qualificação (...)*” (p. 21) As autoras apontam também que a exploração, a desqualificação e a negação do trabalho feminino são formas de violência presentes na relação entre mulher e trabalho.

Podemos observar nas falas de Elenira e Denise Lucia a vulnerabilidade social ilustrada pelas condições de moradia. “Tem um quarto, sala, cozinha e a varanda. A gente dorme na sala e as crianças no quarto.”, relata Elenira. Denise Lucia também fala como é a sua casa. *“Deus vai me ajudar e eu vou fazer outro cômodo. Eu moro num quarto, uma cozinha e o banheiro, só.”* E faz um comentário de como essas condições de moradia refletem nas atividades cotidianas, como a vida sexual do casal. *“Minha vida sexual é boa. Eu gosto, mas só que não tenho muita liberdade, né?! Porque só tem um cômodo na minha casa, aí tem que esperar todo mundo dormir. E fazer com muito cuidado pra ninguém escutar.”*

Uma das facetas mais fortes da reprodução da vulnerabilidade é a gravidez na adolescência. E a repetição desse modelo ao longo das gerações. Todas as mulheres entrevistadas tiveram sua primeira gravidez ainda na adolescência. E as histórias acabam se repetindo, Maria Regina e Carolina já são avós. No entanto, sobre essa questão, vale ressaltar a reflexão feita por Uziel e Santana (2008) de que a interrupção dos estudos não pode ser justificada apenas pela gravidez na adolescência. *“(...) em boa parte das vezes a evasão é anterior à gravidez, a escola perde o sentido rapidamente para essas jovens que buscam, inclusive, através da maternidade, o ingresso no mundo adulto (...)*” (p. 32).

Conversando com Pamela, esse assunto também vem à tona. Sua primeira gravidez foi aos 16 anos, mas a adolescente mantém a vida escolar, caracterizando-se como uma exceção. Questiono se ela pretende seguir a carreira de sua mãe, que aos 50 anos tem 13 filhos, ou de sua irmã mais velha, que com 22 anos, já é mãe de 4 crianças. Pamela diz que não, *“uma boca já é muito caro de sustentar”*, e lembra que ela não engravidou cedo (para os padrões familiares), já que tanto sua mãe quanto sua irmã tiveram o primeiro filho aos 13 anos.

Ana Paula teve uma infância e uma adolescência de muito sofrimento. *“Passava dias na favela, me drogava. (...) Deus teve muita misericórdia de mim.”*

Toda essa experiência certamente refletiu e ainda reflete nas escolhas que faz pela vida. *“Meu pai me abandonou. Com 15 anos, quando eu tava grávida de Tainá. Os vizinhos que me davam as coisas.”* De acordo com suas lembranças, o pai saiu de casa e a única coisa que soube lhe dizer foi: *“Agora, tu se vira. Vai trabalhar.”* E continua me contando sua história: *“Eu fui criada na rua, Gabriela. Eu trabalhava na casa dos outros, dormia na casa dos outros. E quando ia pra baile, ficava dois, três dias na favela.”*

A ajuda de outras pessoas também é fundamental para Teresa. *“Os outros também ajudam muito, dão roupa usada, comida. Agora estou trabalhando duas vezes por semana de diarista lá no Rio das Pedras, já é um dinheirinho. Não recebo Bolsa Família, porque pegou fogo lá em casa e queimou todos os meus documentos. As meninas mais velhas me ajudam a tomar conta dos mais novos quando vou trabalhar.”*

Ana Paula faz uma relação direta das vivências confusas que teve com sua postura como mãe na relação com os filhos. *“Eu acho que isso mexeu muito com o sistema nervoso meu. Deve ter afetado, Gabriela. Eu preciso muito ter uma estabilidade assim, firme, pra mim poder cuidar dos meus filhos. Meus filhos pedem pão de manhã cedo e aquilo já me irrita. Eu acho que eu sou uma mãe péssima. E eles falam que me amam.”* Além disso, a vulnerabilidade social que enfrenta também traz conseqüências para a relação com as crianças. *“Quando eu tenho as coisas pra dar pra eles, eles ficam feliz. Quando eu trabalho, então... Quando eu arrumo qualquer biscate, tem que ver a alegria deles: ‘Mãe, vamos comer isso, vamos...’”*

Paulão está sem trabalhar há seis meses. Ana Paula está se virando como pode.

*“Eu vou ali, limpo o banheiro da mulher, a mulher me dá R\$20,00, eu vou lá e compro alguma coisa. É assim que eu tô vivendo, Gabriela. Já pensei até em botar essas crianças no orfanato e só pegar no final de semana, pra mim poder trabalhar.”* Dentro de toda essa precariedade, ainda tem que lidar com as cobranças dos filhos. *“Eles pedem as coisas e eu não tenho. Eles se conforma..”*

Em um dos momentos mais tensos da entrevista, Ana Paula faz um desabafo. *“Aí tem que sofrer, marido viciado, filho tudo levado, porque eles tão numa fase muito terrível.”* E divide comigo sua angústia. *“Eu não tenho ninguém. Como é que eu vou sair pra trabalhar, Gabriela?”*

Como nos tempos de infância, Ana Paula ainda precisa contar com a ajuda dos vizinhos para manter seus filhos. *“Minhas vizinhas de vez em quando me dá. Mas tem gente que já tá cansando, né? A situação tá braba. Aí o Cesinha fica: ‘Viginha...ô viginha, manda alguma coisa pra cá. Não tem um negócio bom aí pra me dar, não?’ (Risos). É triste, Gabriela, muito triste. Eu preciso muito de um serviço.”* Os reflexos dessa instabilidade financeira aparecem na própria saúde das crianças, que tantas vezes passam mal na escola por falta de comida, para desespero de Ana Paula. *“Eu faço assim, biscate. Deixo eles lá em casa rapidinho e vou.”* Afirma que as crianças torcem para ela conseguir alguma coisa para fazer. *“Porque eles sabem. Olha, R\$20,00, o homem passa lá em casa, do sacolão, compro legumes. Não tem carne, mas vai legume com arroz e feijão, entendeu? Pelo menos eles não passam mal no colégio.”* Ana Paula diz se sentir *“humilhada”* quando acontece isso na escola. *“Porque agora quando eles chegam no colégio, os professores: ‘Ah, tomou café hoje, crianças?’”*

Como se já não bastassem todas as sérias privações a que a família de Ana Paula está sujeita, ainda tem as exigências de consumo impostas pela sociedade. *“Minha filha já tá com 12 anos e as primas dela, todo mundo já freqüentou um shopping pra escolher uma roupa, e eu não tenho pra dar pra ela. Ela fica assim, tipo humilhada no canto, aquilo me dói. Como também eu me senti assim já.”* Não é só a roupa nova que nos é imposta, o corpo da mulher também tem que seguir um padrão bem definido. E isso é mais um motivo de sofrimento para Ana Paula. *“E eu não sei porque eu sou gorda. Isso também me acaba comigo. O meu corpo ficou todo transformado. Minhas pernas, eu não consigo arrumar um tratamento pras minhas varizes. Isso tudo me acaba, isso tudo me bota pra baixo mesmo. (...) Mas eu não sou feliz não, Gabriela. Só falta uma coisa na minha vida: paz, sabe?”*

Apesar de ter retomado sua vida, Carolina aponta as dificuldades que vem enfrentando, consequência da liberdade adquirida tardiamente e da falta de investimento nos estudos durante toda a vida em que foi mantida sob os olhares de Fabiano. *“Hoje eu não me vejo em condições nem de ficar doente. Eu tenho o meu serviço. E o que mais eu tenho? Tenho a responsabilidade deles toda na minha mão.”*

Pamela estuda de manhã, freqüenta a ONG à tarde e trabalha como trocadora de van à noite. *“Dou todo o dinheiro pra minha mãe, pra ajudar ela e porque ela cuida da minha filha.”* Afirma que por causa desse ritmo frenético, quase não tem tempo para ver o namorado e para levar Ana Clara para ver o pai.

Depois da separação, assim que chegou ao Rio de Janeiro, com um filho de nove meses nos braços, Maria das Graças conta que ficou totalmente perdida. *“Aí eu procurei o Conselho Tutelar. Tinha uma moça lá que era dona de um abrigo de criança. (...) Fiquei lá três meses, ajudando a limpar as coisas, a olhar as outras crianças.”* Com o tempo, arrumou um novo trabalho, e teve que ficar longe do filho. *“O Pedro ficou no abrigo. Eu comecei a trabalhar no Catete, passava a semana lá, vinha na sexta-feira à noite.”*

Alguns anos mais tarde, já ambientada na cidade grande, grávida de sua quarta filha, casada pela terceira vez, tem que enfrentar a doença do marido. *“O meu esposo tem um problema de câncer. Ele tem câncer na costela. (...) Aí nessa época ele tinha dado uma recaída do câncer. Aí foi a gravidez conturbada com a recaída dele. Foi muita doença, né?”* Jobelito faz tratamento no INCA. Atualmente Maria das Graças trabalha como manicure e Jobelito está aposentado por causa do câncer.

Marcia não está trabalhando fora, a família vive com o dinheiro de seu marido, que tem 34 anos e é pescador. Mas ela tem uma justificativa para estar fora do mercado de trabalho. *“Tô tentando, mas preciso colocar o Jean na escola, porque pagar pra tomar conta de dois não vai dar, né?”* Na sua fala, aponta um problema crônico da região em

que mora, não há vagas suficientes nas escolas para atender à demanda local, e a situação é ainda mais gritante quando se trata da educação infantil.

Para poder trabalhar fora, Édila teve que abrir mão da convivência dos filhos mais novos. Joana ficou com a avó paterna, e construiu um vínculo tão forte, que hoje não quer mais voltar para casa da mãe. *“Ela não fica comigo. Ela fica com a avó, porque... Antes deu engravidar... eu dormia no emprego.”* Ao final da entrevista, faz o seguinte comentário: *“Sou feliz... porque... tô viva, né? Graças a Deus. Tenho o que comer, tenho onde morar. Eu olho pra trás e vejo situações piores, aí me sinto feliz.”*

Marilane não trabalha fora e seu marido é pescador. Denise Lucia também está sem trabalhar, porque quando ficou grávida perdeu o emprego que tinha, *“de capina”* na Fazenda Modelo. Seu marido trabalha fora e sustenta a família. *“O Paulo trabalha de biscate, cortando árvore.”*

Josiane teve uma infância muito difícil. *“Quando meu pai faleceu, minha mãe, como tinha muito filho, aí não teve como sustentar tudo. Aí ela saiu dando.”* Nessa época, Josiane ainda era uma menina, tinha apenas 6 anos. *“Minha mãe pensava que ela ia me levar pra me criar, me dá educação boa, né?”* A realidade foi outra, muito mais dura. *“Eu fui pra lá pra trabalhar pra ela. (...) Ela me batia, de cabo de vassoura, com panela de pressão. Me queimava de ferro.”* Josiane fugiu de casa e foi morar na rua, onde permaneceu dos 10 aos 13 anos. *“Aí conheci um pessoal lá em João Pessoa, que me chamou pra trabalhar e eu fui. Eles me davam roupa, calçado, e me registraram para eu poder estudar. Aí que fiquei na casa deles até meus 17 anos.”* Josiane relata que apesar de todas as dificuldades que enfrenta, permanece ao lado dos filhos, fazendo um contraponto com sua própria história de vida. *“Porque eu tô passando por muita dificuldade na minha vida, eu tô vivendo assim porque os vizinhos estão me ajudando. Mas eu nunca abri mão dos meus filhos.”*

Luciana, ao falar dos seus sonhos, diz que o que mais quer é conseguir um emprego e continuar seus estudos. *“Porque eu tava trabalhando, mas parei. (...) Eu quero fazer normal. E depois eu vou fazer pedagogia. E depois quero ir pra um lado mais profundo. (...) Ou advogada ou psicóloga.”* Quando já estávamos chegando quase ao final da entrevista, Luciana resolve me contar algo que está lhe preocupando demais. A avó paterna de Ian quer a guarda da criança e está ameaçando entrar na justiça. Luciana me conta isso, chorando muito. *“Então aí ela acha que vai entrar na Justiça porque eu moro num quadrado. (...) Mas eu trabalhei, eu comprei televisão, DVD. Tem geladeira, coisa que eu não tinha. Tem um fogão bom. Não tenho guarda-roupa porque o meu quebrou. Mas quando eu começar a trabalhar eu vou comprar. Vou terminar de emboçar, porque eu já embocei a metade.”*

Denise Lucia, ao contar sobre como foi morar junto com o atual marido, também deixa transparecer a vulnerabilidade de sua condição social. *"Aí juntei tudo o que era meu na carroça e levei pra morar com ele."*

A maioria das mulheres entrevistadas relatou que em algum momento da vida trabalhou ou ainda trabalha como diarista, faxineira ou empregada doméstica, como Maria das Graças, Édila, Ana Paula, Teresa, Carolina. Tais dados vêm confirmar uma estatística trazida por Bruschini (2008): *"(...) o emprego doméstico, em 2005, tinha 6 milhões de mulheres trabalhando e totalizava 17% da força de trabalho feminina."* (p.08).

Outro ponto que merece destaque é a grande incidência de maridos pescadores em nossa pesquisa, além do marido de Denise Lucia, que trabalha cortando árvore. Tais ocupações nos possibilitam contextualizar regionalmente as mulheres pesquisadas, à medida que, como já foi apontado anteriormente, Pedra de Guaratiba até bem pouco tempo atrás se caracterizava por uma vida ainda rural, e que somente com a ocupação desordenada de suas terras, deu início à sua urbanização.

De acordo com Vilhena et alli (2010), a situação de vulnerabilidade psíquica e social pode provocar nos mais jovens a perda de referentes simbólicos de sua história e cultura ocasionando sintomas, como drogadição e desagregação familiar. Além disso, *"tal vulnerabilidade os torna excluídos do contexto cultural mais amplo, delinendo-se um sintoma social decorrente da invisibilidade política dessa população."* (p. 154).

#### **4.3.6 Pobreza e suas Relações com a Violência da(na) Cidade: "Aí sumiram com ele, até hoje não sei o que fizeram."**

Denise Lucia, durante a conversa, quando fala sobre a vida em Pedra de Guaratiba, faz uma comparação, mesmo sem ser muito direta entre a época em que a favela onde mora era dominada pelo tráfico de drogas e atualmente, que é comandada pela milícia. *"Tinha muita violência, agora não tem mais. A gente já passou um bom pedaço aqui com a violência. Vir pra escola buscar criança e ter que passar pelo meio do tiroteio."*

Elenira não concorda com Denise Lucia, ao falar sobre a falsa segurança trazida pela entrada da milícia. *"Tem horas que eu penso até em ir embora, é muito violento. Tiraram dois meninos de casa e mataram, eles tavam roubando. Aí eu fico meio chateada, eu tenho medo, tenho filhos."* Teresa foi vítima da violência praticada por esse grupo. Uma semana após a sua entrevista, me procura novamente na escola, bastante abalada pelo assassinato do filho mais velho pela milícia.

Na história de Maria das Graças, com a morte de seu segundo marido, aparece uma das facetas da violência na cidade grande e da vulnerabilidade da pobreza. *“Tava tendo tiroteio lá na Grotta, na época que mataram o Tim Lopes, e acabou que um tiro atingiu a Kombi dele, ele tava dirigindo e bateu com a Kombi. (...) Foi na época que mataram o Tim Lopes e todo dia tava indo polícia lá no Complexo do Alemão.”* Nessa época, Maria das Graças estava grávida de três meses de Caio. *“Eu fiquei muito mal, muito mal, porque bateu um desespero, né? Eu grávida, com o Pedro pequeno (com 2 anos). (...) Aí eu recebi um seguro do acidente dele, foi quando eu comprei meu terreno aqui no Jardim Maravilha.”*

Josiane conta que estava separada do primeiro marido, quando foi aniversário de um ano de sua filha. Sem querer entrar em detalhes, resume. *“Aí ele foi lá no Vidigal, teve um problema lá e mataram ele.”* O segundo marido também foi assassinado. Dessa vez pela milícia. Não chegou nem a registrar a filha caçula do casal. Josiane estava grávida de três meses quando tudo aconteceu. Ela conta que “os meninos” foram em sua casa saber o que estava acontecendo, quando chegaram lá, encontraram Josiane e Cleberon “todo marcados”, pois tinham apanhado do marido/pai. *“Os vizinhos foram falar pros ‘meninos’ lá, que ele tava me batendo e me ameaçando de morte, aí pegaram ele aqui. (...) Eu só escutei os gritos dele apanhando muito, pedindo pra não bater nele. Sumiram com ele. E eu nem procurei saber.”*

Logo que começamos a entrevista, Luciana demonstra estar doida para me contar o que aconteceu com o pai de sua filha mais velha, Letícia. Há um mês ele foi assassinado pela milícia local. *“Sabe aquelas pessoas que quando bebem falam demais? (...) Ele foi falar que o pessoal do Aço ia invadir lá. (...) Pegaram ele e mais dois.”*

Burgos (2008), a partir da pesquisa que fez na favela Rio das Pedras, define a atuação da milícia como uma forma de organização local, que articula a vida associativa a um aparato coercitivo, em um arranjo que, ao mesmo tempo em que protege os moradores da favela da agonia da submissão ao poderio do tráfico, impõe um regime potencialmente totalitário na gestão do território.

Da mesma forma que o tráfico de drogas, a milícia surge e se expande como expressão da profunda segregação urbana a que são submetidas as favelas da cidade.

Burgos ressalta que a problemática surgida com a milícia vai muito além da discussão sobre segurança pública e corrupção policial, já que o foco dos olhares deveria estar na ainda frágil democratização do acesso à cidade, como podemos perceber claramente em Pedra de Guaratiba.

O tipo de relação que a cidade construiu com a favela e tem reproduzido sistematicamente, justifica a forma social adquirida pela milícia, uma vez que o que está

em jogo é a *“incapacidade da sociedade civil e do Estado da metrópole do Rio de Janeiro para elaborar uma política de segurança que inclua a população de suas favelas no mundo dos direitos.”* (Burgos, 2008, s/p.).

Muitos moradores aprovam a ação da milícia, já que a segurança e a integridade física são definidas como o bem supremo, em nome do qual se aliena todos os demais direitos, como podemos observar na declaração de Denise Lucia relacionando a entrada desse grupo ao fim da violência. No entanto, com a fala das outras mulheres, torna-se claro que a milícia vem internalizando o monopólio sobre a violência no território, bem retratado nas histórias de Teresa, Josiane, Luciana e Elenira. Como analisa Burgos (2008), toda essa atuação não seria possível sem a omissão calculada e intencional do Estado e de uma cidade que relegava seus moradores pobres a um mundo sem regulação estatal e sem ordem pública, delegando-lhe poderes extraordinários que somente se pode compreender quando se considera o padrão de relacionamento assimétrico que a cidade estabelece com a favela. *“Nesse sentido, mais do que proteger a população do tráfico, a milícia protege a cidade da favela. Atua como grupo pára-estatal para realizar uma ação que o Estado não pode exercer abertamente, a não ser onde existe o tráfico para justificar sua ação ostensiva através da polícia.”* (s/p.).

Vilhena (2009) salienta que um dos aspectos mais lamentáveis da urbanização brasileira foi sua incapacidade para incorporar a pobreza, *“gerando imensas conseqüências na vida cidadina bem como na produção subjetiva de seus habitantes, marcada por esta profunda apartação social.”* (p. 104). A autora dá prosseguimento a sua análise, apontando que um grande contingente de nossa população, os invisíveis sociais, os quais nos recusamos a escutar e inferimos não ter nada a nos dizer, enfrentam, diariamente, e sem possibilidade de defesa, experiências que destroçam qualquer forma de esperança. *“Onde o homem comum não mais se reconhece ou não vê reconhecida a sua cidadania, não se cria um território para a existência humana.”* (p.105).

#### **4.3.7 Precariedade na Relação com a Mãe: “Eu me sinto abandonada”**

Muito interessante notar a ambigüidade desse fenômeno, pois se as mulheres buscam na maternidade uma relação comprometida e indissociável, e na gravidez um passaporte para a vida adulta e um pertencimento social, não foi dessa forma que elas relataram a relação com suas próprias mães. Algumas afirmam que escolheram a gestação para fazer tudo diferente, como é caso Pamela. Outras, se deparam com a

dificuldade em exercer a maternidade, já que sabem pouco ou quase nada sobre o papel que têm que desempenhar, como Ana Paula. Para quem não teve um exemplo do que é ser mãe, como exercer essa função quando chega a sua hora?

Nos chamou atenção ao longo do trabalho de campo, a repetição de histórias em que a figura da mãe era inexistente, ou por já ser falecida, ou por não ter contato, ou havia um desgaste nessa relação. O que ficava claro na vida de muitas das mulheres entrevistadas era uma precariedade do vínculo materno.

Carolina é firme ao dizer que levou sua irmã caçula, na época com 11 anos, para morar com ela e o marido, porque queria evitar que a irmã fosse tão maltratada pela madrasta como ela foi. Quando sua mãe faleceu, Carolina estava com apenas 7 anos. Durante nossa conversa, ela fala sobre esse sentimento de desamparo. *“Quando meu pai morreu, eu fiquei sozinha no mundo mesmo. Porque meus avós que cuidavam de mim, morreram. Eu não tinha já mãe. Minha família não olhava pra mim.”* Dessa forma, preferiu manter um bom relacionamento com a irmã, apesar do que vinha acontecendo. *“Por eu não ter tido mais a minha mãe, por eu me culpar também de ter trazido ela pra minha casa e ele ter feito isso tudo com ela, entendeu?”*

Pamela e seus doze irmãos foram vítimas de violência doméstica, por parte de sua mãe durante toda a vida. Os mais velhos fugiram de casa, e todos já tiveram passagens por abrigos, retirados da convivência materna pelo Conselho Tutelar. Quando pergunto a Pamela se vai querer ser uma mãe igual a sua, fica um pouco brava. *“Não! (Gritando, enfática).”* Pergunto então o que pretende fazer diferente. *“Não ter muitos filhos, pra dar uma condição melhor. Amar ela, não bater. Não bater.”* Continuamos nesse assunto, e quero saber se depois que ela foi mãe, passou a entender melhor Deosdete. E Pamela é firme em sua resposta. *“Aí é que eu não entendo. Minha mãe não podia ser assim, não tia.”* Pergunto como é Deosdete. *“Agressivamente.”* E complementa. *“Mas não é só fisicamente. É verbalmente. O jeito de se expressar, o jeito de falar, o jeito de reagir.”* Afirma que agredir verbalmente também machuca, e que hoje sua mãe só não deixaria tirar Ana Clara (a neta) de casa. Que para a própria Pamela, *“ela não está nem ligando.”* *“Ela manda eu ir embora. Mas eu só vou sair dali com a Ana Clara. (...) Ela fala, tia, quando eu chego tarde do serviço, que é pra mim juntar meus panos de bunda e dormir na Kombi.”* Numa clara competição com sua mãe, conta que se não possui autonomia de mãe com a própria filha, na relação com seus irmãos é diferente. *“Eu tomo conta das minhas irmãs, geral me obedecem. Me obedecem de um jeito, que não obedecem meu padrasto.”* Quero saber se elas também obedecem Deosdete, e a resposta está na ponta da língua. *“Ou obedecem ou apanha.”*

Pamela relaciona sua felicidade com a saída de casa, mas demonstra clareza da situação em que se encontra e sabedoria e paciência pra lidar com ela. *“Tia, por*

*enquanto não dá. Não tenho pra onde ir também. Também minha mãe tem autonomia de mim. Ela me manda ainda, tia. Eu sou de menor. A responsabilidade é da minha mãe. Eu saindo com a Ana Clara, o Conselho (Tutelar) pode vir buscar a Ana Clara e me botar num abrigo também.”* Mas já tem um plano bem traçado, que lhe alimenta todos os dias, enquanto espera a maioridade chegar. Me conta o que pretende fazer quando fizer 18 anos *“Eu meto o pé no mesmo instante. No aniversário mesmo. (...) É um presente de aniversário grandão, sair de dentro de casa.”*

Janaína também foi criada longe da mãe. Quando estava com 7 anos, seus pais se separaram, sua mãe saiu de casa para ficar com outro homem, e seu pai veio com a filha para o Rio de Janeiro. Logo, seu pai casou novamente, e teve mais uma filha. Durante toda a vida, Janaína sofreu com ciúmes da irmã, que tinha mãe e ela, apenas madrasta.

A mãe de Ana Paula faleceu quando ela tinha somente 2 anos. *“Aí eu fui morar com meu pai e minha madrasta.”* Afirma que não aprendeu a ser mãe, e que isso reflete na criação dos seus filhos. *“Às vezes eu acho que não sou uma mãe ideal, sei lá.”* Define, como aprendeu na prática, as atribuições de cada papel. *“Porque ser pai, é aquele negócio, chega do serviço, fala com o filho, ou se não, cobra alguma coisa do filho, acabou. A madrasta fazia o dever dela, cuidar, fazer comida. Mas com 7 anos eu já tinha que lavar as minhas roupas.”* Mas sabe dizer exatamente o que faltou em sua criação. *“Nunca tive carinho. Por isso que hoje em dia eu dou muito carinho pros meus filhos. Sou muito melosa. Mas ao mesmo tempo eu brigo muito. E eu não sei tomar atitude de mãe, como deve ser. Às vezes eu fico em dúvida. Como...”* Ainda hoje traz reflexos desse desamparo. *“Eu não tenho família. Meu pai não liga. Eu liguei pro meu pai domingo e falei assim: ‘Pai, eu queria saber se o senhor podia me ajudar.’ Aí ele: ‘Eu não posso porque eu tô cheio de dívida e Deus proverá.’”*

Ana Paula faz uma conclusão dura: *“Se eu tivesse minha mãe então... Minha vida ia ser totalmente diferente.”* E justifica sua afirmativa: *“Porque eu tenho que ser responsável de tudo. Eu não tenho tempo pra minha vida. Minha vida tá parada. Quando eu vejo que vai caminhar, não caminha. Vou falar pra você que eu não sou feliz. Eu não sou. (...) Não sei, o meu sorriso, minha alegria é de momento, é um minuto, sabe?”*

Maria das Graças declara que como mãe pretende fazer tudo diferente do que sua mãe fez. *“Eu tento ser tudo o que minha mãe não foi pra mim.”* Pergunto o que ela não foi. E tenho a seguinte resposta: *“(Embargada) Mãe.”* Quero saber porque considera que sua mãe não conseguiu exercer essa função. *“Essa pergunta ela não me respondeu ainda. Eu já perguntei isso pra ela no calor da discussão, mas ela nunca me respondeu... Pra mim, mãe, você pode ter um filho ou você pode ter cem. Você tem a capacidade de criar um, você pode ter a capacidade de criar cem. Seja com qual dificuldade for, seja*

*debaixo da ponte, seja num palácio. Pra mim, ela não foi mãe. A mãe que eu tive foi a minha avó. A minha avó que me criou desde quando eu nasci, a minha avó que foi a minha verdadeira mãe. A minha mãe, hoje que está sendo mãe pra mim. Mas mãe à distância, entendeu? Hoje ela tenta suprir aquilo que ela não foi antes. Mas não é a mesma coisa.”*

Quando pergunto para Édila se ela sofre por Joana ter se apegado tanto à avó paterna que hoje não quer mais morar com a mãe, sua resposta demonstra como a dificuldade com a própria mãe reflete diretamente na relação com os filhos. *“É tipo assim: quer, bem; não quer, bem. Eu acho que foi muito assim... Infelizmente eu ainda não consigo tirar isso de mim... Eu acho que foi do jeito que minha mãe fez com a gente.”* Pergunto o que aconteceu na relação com sua mãe. *“Minha mãe era assim. Largada com a gente. É até hoje.”*

Josiane estava com seis anos, quando sua mãe ficou viúva e *“saiu dando os filhos”*. Ao longo de nossa conversa, repete várias vezes que não vai cometer com os filhos os mesmos erros que sua mãe cometeu com ela. *“Mas eu já passei por muita coisa, não quero que meus filhos passem pela mesma coisa, né? Eu tô assim, passando muita dificuldade, mas abri mão dos meus filhos não. Porque mãe é quem cria. Eu não gostei do que aconteceu comigo, não vou fazer com meus filhos. Nem todas as mães fazem o que eu faço pelos meus filhos.”*

Luciana conta que sua mãe sempre resolveu tudo com a força física. *“Minha mãe ia dar um esporro e sentava a mão.”* Luciana relata mais detalhadamente quais foram suas vivências na relação com sua mãe. *“Eu não sei como é o contato de mãe e filha. Porque minha mãe comigo, ela não... Ela me tratava como um cachorro. Não parecia que eu era nem filha dela. Não sei se ela tinha raiva do meu pai, e eu sou a cara do meu pai, e ela descontava em mim. Que eu sempre era a última nas coisas. Sempre fui. Somos três meninas e três meninos. É Sandra no céu e Eloá na terra. E Luciana... no poço.”*

Como já nos apontaram Uziel e Santana (2008) todas essas histórias podem ser entendidas pela fragilidade dos vínculos familiares, que muitas mulheres pertencentes à classe pobre e que se tornaram mães ainda na adolescência, trazem como marca de suas vivências.

#### **4.3.8 Religiosidade: “Tô procurando a Igreja, tô indo com muita fé em Deus, Ele pode tudo.”**

Em muitas entrevistas a questão da religiosidade aparece como ponto fundamental de apoio na vida dessas mulheres. Seja para Maria Regina, que apesar de estar firme no

propósito de não querer mais filho, foi convencida pelo pastor da igreja evangélica que o marido freqüenta a fazer a vontade de Valter e dar-lhe o tão esperado filho. Seja para Teresa, que apesar de toda a dureza da vida que leva, dá os créditos para a Igreja do que está conseguindo conquistar.

Janaína, ao engravidar da terceira filha, fruto de um breve relacionamento, se afastou de todo mundo, com medo de que descobrissem sua gravidez. O primeiro a saber da notícia, foi “o ex líder da igreja”, que foi em sua casa saber o motivo de Janaína não estar mais freqüentando o “discipulado.” *“Eu não sabia falar nada, Gabriela. A única coisa que eu sabia era chorar. Eu chorava tanto, chorava tanto...”*

Ana Paula sabe definir com bastante firmeza o que busca na religião. *“Tipo assim, eu freqüento a igreja pra mim poder ter um pouco mais de paz de espírito como ser humano, entendeu? (...) E eu peço a Deus pra me dar muita força de vontade, porque eu já pedi muito a Deus pra mim morrer. Mas eu fico ao mesmo tempo, aí, as crianças vão ficar como? Eu acho que até se eu morrer, eu vou me cutucar lá no fundo da cova por causa das crianças, entendeu?”*

Durante a nossa conversa, muitos são os momentos em que Édila se refere à “época da bagunça”. Quando peço para que ela me conte como era essa época, ela justifica. *“É quando eu não conhecia Deus. Hoje, graças a Deus, eu sou evangélica. Então, tudo que eu fiz há um tempo atrás, há uns anos atrás, eu vi que hoje não ganhei nada com aquilo.”*

Teresa considera que foi depois que entrou para a Igreja que conseguiu forças para romper o relacionamento com o marido. *“Eu fiz muita loucura por causa dele, ia atrás, chorava, pedia pra ele voltar e nada. Hoje ele já está casado com outra e tem mais dois filhos, que vivem igual mendigos, pedindo dinheiro pelas ruas de Campo Grande. Se não fosse eu, meus filhos também estariam assim. Graças a Igreja (evangélica) que me deu forças pra me livrar disso.”*

Todas as nossas entrevistadas que fizeram referência à religião, estavam falando especificamente da Igreja Evangélica. De acordo com dados do IBGE, dos cerca de 170 milhões de brasileiros, 26 milhões – ou seja, quinze por cento do total – se declararam, em 2000, como pertencendo à religião evangélica. Se em 1980, 3,2% da população brasileira se declarava evangélica neo-pentecostal; em 2000, essa estatística subiu para 10,4% da população. Um outro dado trazido pelo IBGE (2007) é que os evangélicos pertencem, em média, à faixa mais pobre da população brasileira. Além disso, não podemos esquecer que quando falamos de Igreja Evangélica Neo-Pentecostal, estamos nos referindo a 68 denominações diferentes.

Bohn (2004), reiterando os dados do IBGE, ao analisar o material de sua pesquisa, aponta que os evangélicos estariam associados a condições econômicas e sociais bastante adversas. A opção pelo evangelismo seria, portanto, característica de segmentos sociais desprovidos de recursos financeiros.

Da mesma forma que temos um aumento da religião evangélica, assistimos em todo o Brasil a um declínio da Igreja Católica. A autora considera que esse fenômeno pode ser explicado pelo deslocamento da centralidade da Igreja católica na conformação das relações entre Estado e religiões no Brasil. Além disso, o avanço do evangelismo pentecostal pode ter sido facilitado pelo fato de o pentecostalismo não se tratar de uma religião inteiramente estrangeira, já que contém alguns elementos que são similares às práticas mediúnicas das religiões afro-brasileiras. (Bohn, 2004).

Ainda de acordo com a autora, a deterioração do quadro socioeconômico do país também pode explicar o aumento do número de evangélicos, já que os evangélicos pentecostais, com a diversidade de suas igrejas, além de possuir membros entre as camadas sociais menos privadas de recursos financeiros, conseguem penetrar nas franjas da sociedade: *“em áreas que têm se mostrado inalcançáveis para outros segmentos religiosos. São setores sociais (e espaços geográficos) que, por sua precariedade de condições, revelam, por outro lado, a mais completa ausência do poder público.”* (Bohn, 2004, s/p.).

#### **4.3.9 Conjugalidade(s): “Se eu engravidasse ele ia ficar comigo”**

Em um artigo intitulado *“O Sexo da Pobreza”*, Agier (1990), afirma que todos os caracteres que compõem o sofrimento cotidiano da sobrevivência, numa lógica de causalidades aparentemente sem saídas, tais como: habitações insalubres e precárias, falta crônica de dinheiro, sub-empregos e desvalorização da força de trabalho, fraco acesso aos direitos sociais públicos, podem acabar trazendo como conseqüência a onipresença da doença, alcoolismo, importância da religiosidade (como vimos na nossa pesquisa), predomínio das interpretações “fatalistas” da existência e também, forte presença numérica das mulheres chefes de casa, já que aumenta a instabilidade matrimonial e o que se coloca é a complexidade dos “arranjos” familiares na composição do lares. *“As famílias pobres se fragmentam espacialmente (...) parecendo se desarticular em incertos ‘arranjos’ domésticos instalados no provisório.”* (p. 58). Dessa forma, o autor alega que a mulher desenvolve um *“saber viver na pobreza”*, muito relacionado a uma “naturalização” desse modo de vida, e passa a ter o domínio da casa e

das relações que a rodeiam e a desempenhar um papel central e decisivo para a sobrevivência da casa.

Maria Regina ficou grávida aos 20 anos e foi morar junto com o namorado, na época com 22 anos, na casa da sogra. Fica claro em sua fala que essa decisão, foi muito mais uma imposição social e da família do que uma escolha do casal. *“No começo ele não queria de jeito nenhum, não queria nem que a gente fosse morar junto.”*

Atualmente Maria Regina está no terceiro casamento e faz uma análise dessa relação. *“O pai dele era muito grosseiro com a mãe. E às vezes ele quer trazer isso pra mim. Machista demais.”*

Após tanta história de violência e privações, pergunto a Carolina como conseguiu se fortalecer para encerrar o casamento. *“Uma diretora (da escola dos filhos) falou que ia me ajudar a passar numa prova para eu ter uma oportunidade de vida e sair desse homem.”* Carolina decidiu que não ia deixar essa oportunidade passar. Fabiano percebeu que a mulher estava decidida. E mais uma vez, veio com infundáveis ameaças. *“Você não vai se separar de mim, você vai viver comigo até você morrer. Eu vou ser o único homem da sua vida. Você não vai ter ninguém na sua vida.”* Quando chegou o dia em que finalmente Carolina decidiu sair de casa, por pouco não acontece uma grande tragédia. Fabiano esfaqueou Carolina, *“ao todo foram quinze cortes de faca pelo meu corpo”*, e ainda deu facada na cunhada e na própria filha, quando tentaram defender Carolina.

Durante a conversa com Pamela, quando pergunto se já estava namorando há muito tempo antes de engravidar, ela fala com tranquilidade. *“Bastante tempo. Uns 10 meses talvez.”* Pergunto se Ana Clara também é a primeira filha de seu namorado. Pamela responde um *“sei lá”*, e eu mantenho a minha pergunta, questionando se ela nunca quis saber. *“Eu não. A minha eu sei que é.”*

Janaína também fala com clareza sobre sua escolha de se casar aos 17 anos. *“Porque eu não tinha liberdade pro que eu queria. Meus pais me ‘privava’ muito, sabe? Eu não podia sair, eu não podia ir na excursão de escola, eu não podia fazer trabalho na casa das minhas amigas. Aí Janaína falou (referindo-se a ela própria): ‘Vou meter o pé.’”* Sobre a separação, também traz seu ponto de vista. *“Não tinha mais aquela harmonia de família unida, de uma convivência de gentes normais.”* Quando se separou, Janaína estava com 21 anos e dois filhos.

Alguns anos depois, um breve relacionamento e a terceira filha. *“Passamos uns três meses namorando. Um belo dia marcamos pra ir prum belo de um pagode. (...) Aí saímos do pagode e fomos pro motel. Aí lá que... Tatiana foi gerada.”*

Demonstra grande necessidade de contar detalhadamente como foi difícil viver essa relação. *“Quando eu contei pra ele que eu estava grávida e que ele era o pai, ele*

*disse nem me conhecia.*” Quando Tatiana nasceu, Janaína ainda tentou mais uma aproximação. *“Olha só, tua filha nasceu. Eu tô no hospital de Campo Grande, no Rocha Faria, se você quiser você vai ficar à vontade pra conhecer.”* Janaína entrou na Justiça para pedir reconhecimento de paternidade. Ricardo, pai de Tatiana, se aproxima de Janaína e decidem morar juntos. O *“casamento”* só durou dois meses. Sem nenhuma intimidade, as diferenças começam a aparecer. *“Não deu certo, quando eu comecei a ver que meus filhos não “tava” feliz com a situação, cheguei pra ele e: ‘Oh, tá na hora de você ir se embora...’”*

Ana Paula conta que em sua casa nunca houve diálogo sobre sexo. Começou a namorar muito novinha, com 12 anos. Depois de três anos de relacionamento meio incerto, e muita insistência do Paulão, decidiu fazer sexo, mas escondido... *“Curiosidade.”* Mas confessa que não gostou. *“Não senti nada, só dor.”* O relacionamento com Paulão continuava, mas sem nada sério. *“Aí cada um foi pro seu lado. Aí toda vez que ele me procurava, a gente fazia, entendeu?”*

Após muitos anos de grande violência por parte de Paulão, Ana Paula consegue dar queixa na delegacia e percebe a mudança que sua atitude trouxe. *“Agora eu tô sendo feliz. Mais ou menos. Podia ser completo se a gente tivesse trabalhando.”* Afirma que hoje o que mantém a sua relação é a amizade e o companheirismo. *“Se quiser me abandonar, pode me abandonar. (...) (Silêncio). Fico por pena.”*

Maria das Graças tem uma explicação rápida para contar porque casou aos 14 anos. *“Briguei com meu pai e fugi de casa. E fui morar com a família do meu namorado.”* Após se separar do primeiro marido, Maria das Graças vem para o Rio de Janeiro e começa um novo relacionamento, que foi interrompido de maneira trágica, após seu segundo marido ter sido vítima de bala perdida durante um tiroteio na favela onde moravam. Maria das Graças conta então, como conheceu seu terceiro marido, pai de seus dois filhos mais novos, com quem está casada até hoje. *“Quando eu comecei a construir minha casa, ainda sofrendo a morte do pai do Caio, foi quando eu conheci o pai do Jonatan e da Marilliane. (...) Na verdade eu conheci ele num momento muito frágil, né? Ele ali apoiando, até me ajudou a construir o barraco. Aí quando o Caio nasceu, a gente decidiu morar junto.”*

Márcia conta como foi o fim da relação com seu marido. *“Com o tempo a gente foi se desentendendo e eu me separei.”* Quando questiono os motivos dos desentendimentos, Márcia se mostra reticente. *“Ai, tem que falar? Tá gravando? (Riso envergonhado) Foi traição. (...) Dele.”* Vivendo atualmente com o segundo marido, Márcia afirma que o casal se dá muito bem, mas imediatamente pondera. *“(Risos). Por enquanto, né? Eu não acreditava mais em homem depois daquela última. Eu esperava tudo.”* Quase ao final da

entrevista, faz o seguinte comentário: *“Eu já passei por muita dificuldade na história. Agora eu tô firme e forte, com o pé no chão.”*

Édila relata como foi seu primeiro casamento. *“Era bem, na medida do possível. Enquanto tinha amor era bem. (...) Mas foi acabando.”* Quanto ao segundo casamento, fala com certo desânimo. *“Foi tudo de novo, a mesma coisa. Aí depois separação de novo. (...) Fiquei muito mal. Muito, muito, muito!”* Já a relação com o pai de Joana, Édila não considera que foi um casamento. *“Era aquela coisa, um dia vinha, no outro dia não vinha.”*

Marilane está casada com o primeiro marido e pai de seus oito filhos há 17 anos. *“É meio estranho, né? Porque é bem difícil passar por esse tempo todo com um homem só.”* Diz estar satisfeita com o relacionamento. *“Nos damos bem, graças a Deus. Não tenho do que reclamar não.”*

Josiane considera que só se envolveu com *“pessoas erradas”*. Sobre o pai da sua primeira filha: *“Quando eu engravidei, ele foi e me largou. Foi pra casa de outra mulher.”* Viu a história se repetir anos mais tarde, com o segundo marido. *“Eu engravidei e quando tava com quatro meses, ele foi morar com outra pessoa.”*

Luciana se separou do primeiro marido, quando a filha do casal estava com apenas três meses. *“Ah... Ele era muito ignorante.”* Conta que decidiu mandar ele ir embora. Um mês antes da entrevista, o primeiro marido de Luciana havia sido assassinado, e ela conta como se sentiu. *“Eu sofri... Não sei porque, né?! Me deu uma dor, sabe... Foi um baque assim, sabe... Chorei pra caramba.”* Sobre o pai da segunda filha, Luciana diz somente que *“não sabe dele.”* *“A gente namorava muito bem. (...) Aí depois fiquei grávida. (...) Sem querer. (...) Sumiu ele.”* Nem registrou a criança. Do segundo marido, pai de Ian, já está separada há dois anos. *“Ele me traiu.”* Luciana ficou sabendo que o marido estava com outra. *“Eu fui na casa da menina. (...) Eu escutei a voz dele lá dentro cantando.”* Ainda assim Luciana preferiu manter o casamento. Mas as traições continuaram, o marido começou a sair cada vez mais. Certa vez, para tirar o marido da casa da amante, Luciana ligou pro celular dele falando que Ian tinha tomado veneno e estava muito mal. Quando o marido chegou, preocupado com o filho, Luciana falou que a criança já estava melhor, que tinha ingerido produto de limpeza. Mas a situação foi ficando insustentável e culminou com a separação. *“Até hoje eu lembro desse episódio, e já passou dois anos, machuca. Foi uma coisa que marcou muito a minha vida. Eu fiquei deprimida. Fiquei muito gorda. Cheguei a 89 quilos. Agora não, agora eu tô ótima.”*

A partir dos relatos das mulheres pesquisadas, podemos observar um traço bem característico da contemporaneidade, tendo reflexo nas formas de conjugalidade. O que marca nossa época é justamente a fragilidade dos vínculos e a efemeridade das relações. A única entrevistada que permanece com o primeiro marido é Marilane, e ela própria

relata estranhamento por manter uma relação de 17 anos. Histórias de violência e traição denotam uma grande desigualdade de gênero ainda presente em nossa sociedade, discutido anteriormente. Podemos observar também a função do casamento similar à função da maternidade, ou seja, como uma possibilidade de adquirir uma identidade. Nas palavras de Uziel e Santana (2008, p.27), “(...) *vínculos familiares ou comunitários fragilizados contribuem para a busca de uma identidade mais fixa (...)*”, dessa forma, podemos contextualizar a eterna busca dessas mulheres por uma relação marital, e de certa forma, a facilidade com que estabelecem esse tipo de vínculo, assim como a maternidade.

#### **4.3.10 Contraceptivos e Planejamento Familiar: “Aí eu bebia num dia e no outro eu não bebia (a pílula anticoncepcional), entendeu?”**

Durante as entrevistas, em muitos momentos apareceram relatos que demonstram a forma como as mulheres lidam com o próprio corpo. Maria Regina me dá a seguinte resposta quando pergunto se ela pegava a pílula anticoncepcional no Posto de Saúde: “*Ué, qualquer pessoa sabe o nome de uma pílula pra não engravidar. Aí eu comprei, assim na doideira. Eu não tinha compromisso de tomar. Eu não tinha as informações que tenho hoje, com o planejamento familiar*”.

Somente após o quarto filho, Maria Regina iniciou o acompanhamento no Planejamento Familiar. “*Aí eu fui pro posto, fiz planejamento, tive todas as informações. Passei a usar camisinha. Aí eu pensava que com camisinha eu não ia engravidar. Só que a gente ficava naquela sacanagem do antes, aí foi uma gotinha daquela, alguma coisa. Até hoje eu não consegui explicar como foi.*” E aproveita para relatar sua trajetória na saúde pública de nosso município. “*Eu fiz dois planejamentos. Uma vez eu recebi o papel pra ligadura e fui lá. Um documento que consta que nós escolhemos e que temos o direito. Só que quando eu cheguei lá... Eles não fizeram porque tava aquela crise na saúde pública. Não fizeram e mandaram eu voltar lá depois. Aí eu voltei, e aquele papel já tava fora da validade. O documento que eles dão no posto valia por um ano. Aí eu deixei pra lá também. Aí eu fiz outro planejamento, e escolhi outro método. Aí eu tomo injeção.*” Quando termina o relato, me olha orgulhosa e comenta: “*Eu tô toda informada nessa parte aí, olha.*”

Por vezes, nos surpreendemos com o significado que essas mulheres dão aos acompanhamentos nos dispositivos de saúde. Carolina se referiu à maternidade que teve seus oito filhos. “*Eu por não ter experiência de nada, mas de nada mesmo... Eu vim saber o que era espermatozóide quando eu tive meu segundo filho. Porque na Pró-*

*Matre tem palestra, e ensina essas coisas pra mulher. Foi assim que eu fui saber. Eu não entendia nada sobre sexo. Eu não entendia de nada, nada, nada, nada. Eu era uma pessoa muito inexperiente de tudo.*” Também aparece em seu relato, a pouca efetividade dos equipamentos da saúde em se tratando de Planejamento Familiar, diante das negativas de Fabiano. *“Na Pró-Matre fizeram palestra com ele pra fazer vasectomia, ele não quis de jeito nenhum. Nem deixou eu ligar.”*

Janaína e Ana Paula contam que tomavam pílula anticoncepcional, mas do jeito delas. *“Até tomando comprimido às vezes eu ficava grávida.”*, diz Ana Paula. Janaína jura que tomava a pílula corretamente quando engravidou de João Pedro. *“É que quando ele me pegou à força tava bem naquele período em que a pílula acaba pra menstruação descer. Só que aí não desceu.”*

Ana Paula fez ligadura há cinco anos, após participar de todo o programa de Planejamento Familiar do Posto de Saúde. *“A Dra. lá do Posto que me ajudou. Ela não queria me ajudar muito não, porque eu tinha 22 anos. Aí ela falou assim pra mim: ‘Oh, depois você se arrepende, eu é que vou me ferrar.’”* Pergunto se ela realmente se arrependeu. Ana Paula é enfática e faz uma reflexão de como estaria, considerando que antes da operação tinha em média, um filho por ano: *“Não. Botar crianças mais no mundo pra quê? Pra sofrer. Já pensou 10 agora... Cinco anos? Cinco filhos. Dez. Tá doida...”*

Maria das Graças tomou pílula anticoncepcional dos 12 aos 17 anos. *“Na verdade antes de eu morar com ele, quando eu só namorava, eu tomava direitinho. Quando eu passei a morar com ele, aí eu acabava esquecendo a pílula.”* Com a gravidez do terceiro filho, Maria das Graças decide fazer ligadura. *“Mas aí eu tive o Jonatan, e o médico não quis ligar. Disse que eu tinha que voltar dois meses depois pra fazer a ligadura. Aí eu não consegui ligar. Aí quando foi ano passado, eu consegui uma ligadura. Aí quando eu fui fazer o último exame pra ligadura, descobri que tava grávida da Marilliane. (Risos).”* A gravidez da quarta filha foi *“conturbada”*, Maria das Graças havia tomado a vacina de rubéola, e precisava de um acompanhamento mais de perto, já que havia riscos para o bebê. Ainda assim, não conseguiu fazer o pré-natal. *“Não fiz (pré-natal) porque no Posto não tinha médico. E aqui na Pedra tava muito difícil de conseguir ginecologista. Então, durante toda a gravidez dela eu só consegui marcar três consultas.”* A única saída encontrada foi pagar pela consulta e também pelos exames de ultrassonografia numa clínica privada.

Édila relata que iria fazer ligadura após o nascimento de Jeová, mas acabou não fazendo. *“Porque eu passei muito mal nessa gravidez. Os médicos ficaram desesperados, minha pressão tava alta, eu tive eclampsia. Passei muito mal, e aí não ligaram.”*

Marilane conta a forma que fazia uso do anticoncepcional. *“A tal pílula que a gente começa tomando e num certo ponto esquece. E aí, quando vai tomar, não faz mais o mesmo efeito. Foi isso que aconteceu comigo.”* Logo em seguida, admite: *“Camisinha eu nunca usei.”* Afirma que hoje ainda está *“correndo atrás da ligadura”*. Que durante sua última gravidez, da Lara, frequentou todo o Planejamento Familiar no Posto de Saúde, mas a forma que foi atendida no Hospital Rocha Faria, quando foi ter neném, a fez desistir da ligadura. *“Eu... queria ligar, né? Da Lara eu ia ligar, já tava com todos os papéis na mão. Mas por causa de um desaforo da médica que me atendeu.... Eu... não fiz nem tanta questão de mostrar meus documentos pra ela. (...) Ah, eu cheguei lá já em trabalho de parto, e ela falou pra mim que meu filho não era praquela hora. Não era praquela dia.”*

Luciana tenta encontrar uma justificativa para ter parado o contraceptivo e engravidado logo em seguida. *“Tomava remédio, mas o remédio não fazia muito efeito, porque eu sentia muita dor no estômago, aí eu sabia que era o remédio que parava no estômago e não fazia efeito nenhum. Aí... Foi aí quando eu engravidei.”*

Na fala das mulheres entrevistadas observamos além da falta de informações e esclarecimentos sobre o uso da pílula anticoncepcional, um reflexo da falha da educação básica no que tange aos cuidados com o corpo. Além disso, a fragilidade dos serviços públicos de saúde ilustra a vulnerabilidade em que se encontra a população pobre de nossa cidade. Somente Maria Regina mostra-se consciente da escolha que pode fazer sobre métodos contraceptivos, todas as outras entrevistadas falam de uma total falta de escolhas, mais uma vez.

A ex-secretária Especial de Políticas para as Mulheres, previa inicialmente, incluir o planejamento familiar entre as contrapartidas exigidas dos benefícios do Programa Bolsa-Família. Muitos pesquisadores, demógrafos e defensores do direito da mulher se colocaram contra a proposta, já que o planejamento familiar não pode ser tratado como *“moeda de troca”*. Para a demógrafa Elza Berquó (2010, s/p.), *“as pessoas precisam ter o direito de controlar, ou não, a sua fecundidade.”* O Planejamento Familiar é um direito constitucional, determinado pela Lei 9.263, de janeiro de 1996, mas não pode se configurar como um dever. A ginecologista Tânia das Graças Santana (2010, s/p.), dentro desse mesmo debate, defende o direito de escolhas das mulheres mais pobres e faz uma reflexão sobre o grande número de filhos dessas mulheres. *“Eu sinto que é um momento em que essas mulheres são valorizadas (...) É o momento em que alguém levanta do ônibus para dar lugar, é quando a patroa presta mais atenção.”* Tal discussão aponta para a contextualização de alguns dados do IBGE: as maiores taxas de natalidade ainda predominam entre as mulheres sem instrução ou com menos de um ano de estudo, que

têm, em média, 4,1 filhos, ou seja, alta fecundidade ainda está relacionada ao rendimento das famílias.

Na prática, apesar da conquista do movimento feminista no reconhecimento do direito ao planejamento familiar, o programa ainda não atende às necessidades das mulheres ou de seus familiares. Costuma resumir-se somente à distribuição de preservativos ou outros contraceptivos, e ainda está focado na responsabilização da mulher. “*O espaço do cuidado e da família ainda é visto como de responsabilidade exclusiva da mulher, assim como a educação e a cultura da continuidade da relação de gênero, onde o homem é o mantenedor e aquele que decide e a mulher é o ator que ‘serve’ e ‘obedece’.*” (Lima & Lima, 2008, s/p.). Nesse sentido, as autoras, citando o demógrafo José Eustáquio Alves, afirmam que o planejamento familiar brasileiro é uma “*regulação da fecundidade*”, não passando de uma imposição ou um controle coercitivo sobre a liberdade das pessoas de se reproduzirem do modo que julgam adequado. Ressaltam ainda que as políticas atuais exigem “*das mulheres pobres o uso de meios contraceptivos e não lhes dá o direito de decidir, por meio da educação e acesso a serviços de saúde.*” Mesquita (2008) também coloca em pauta a prática de alguns médicos que objetiva o controle “*velado*” da natalidade, ao permitir as práticas de esterilização e distribuição indiscriminada de pílulas anticoncepcionais. Utilizando Scavone (2000), constata “*que as mulheres brasileiras – pobres e de classe média – ainda não têm liberdade de expressar seu desejo em relação à maternidade e continuam sendo alvo de políticas demográficas controlistas, prejudicando maiores avanços nas relações de gênero e na organização da estrutura familiar.*”

No mesmo sentido, Guareschi et alli (2004) apontam que fica proposto que as questões de concepção/contracepção continuam a fazer parte do universo feminino, do corpo da mulher, embora *valorizando* a participação dos demais membros da família nessa decisão. Assim, por mais que a política proponha estratégias referentes ao estímulo da participação dos homens e adolescentes no Planejamento Familiar, tais propostas acabam por constituir o ser mulher de uma determinada forma, tornando-a responsável pelo seu corpo e por tudo o que diz respeito a ele, nesse caso, a concepção ou não de um filho. Dessa forma, a responsabilização dos homens pela criação dos filhos deve ser bem mais difundida, envolvendo-o no planejamento familiar.